

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Rafael Andrioli Rasch

***A GUERRA ENTRA EM CAMPO: um estudo das causas e do discurso  
nacional na imprensa no conflito entre El Salvador e Honduras***

PORTO ALEGRE

2016

RAFAEL ANDRIOLI RASCH

**A GUERRA ENTRA EM CAMPO: *um estudo das causas e do discurso nacional na imprensa no conflito entre El Salvador e Honduras***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientador: Prof. Mathias Seibel Luce.

PORTO ALEGRE

2016

*“En aquel clima de derrota y conspiración los hondureños empezamos a creer, bajo el tórrido verano, que la Nasa había expresamente programado su odisea para que el mundo desconociera que nos invadían, pues del imperialismo todo se podía esperar.”*

*(Julio Escoto)*

*“Pensei que ele [soldado salvadorenho] havia morrido, mas logo em seguida voltei a ver seu rosto, tenso e ingênuo, aguardando com humildade o próximo ato do destino.”*

*(Ryszard Kapúscinsky)*

*“Hay quienes sostienen que el fútbol no tiene nada qué ver con la vida del hombre, con sus cosas más esenciales. Desconozco cuánto sabe esa gente de la vida. Pero de algo estoy seguro: no saben nada de fútbol.”*

*(Eduardo Sacheri)*

## **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivos: a) discutir as diferentes motivações que fizeram eclodir em 1969 a Guerra das Cem Horas - também conhecida como Guerra do Futebol - entre El Salvador e Honduras; b) entender o processo de mobilização nacional em torno da guerra nos dois antagonistas, agregando o apoio inclusive dos movimentos sociais, de tradicional e aguda oposição aos governos militares instalados no poder.

Dentro do primeiro objetivo daremos atenção a aspectos políticos e socioeconômicos, mas teremos como personagens principais os milhares de camponeses salvadorenos que, fugindo da violência rural e da má distribuição de terras, emigraram para Honduras. A chamada “reforma agrária” promovida por Oswaldo López Arellano, em prol dos latifundiários, tornaria fato uma suspeita, nem o governo de Honduras queria os camponeses salvadorenos em seu país como também não era interesse do governo de El Salvador recebê-los de volta.

No segundo, analisaremos o discurso excludente e de caráter patriótico ao redor do problema migratório, e especialmente, a maneira como este se dissemina a partir da imprensa nos dois países, criando uma cultura de guerra apoiada no compartilhamento de elementos simbólicos de identificação frente a um inimigo externo, e, na medida em que a crise entre os governos se agudiza, mobilizando a sociedade civil em torno da solução militar.

**Palavras-chave:** Guerra do futebol, Guerra das Cem Horas, Honduras, El Salvador, América Central.

## SUMÁRIO:

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 5  |
| <b>CAPÍTULO 1 - AS CAUSAS DO CONFLITO</b> .....                                     | 13 |
| 1.1. Preliminar – Situação de El Salvador e Honduras em 1969.....                   | 14 |
| 1.2. Pré-Jogo – Os motivos da guerra.....   | 19 |
| 1.3. Começa o jogo – O futebol e a guerra na “Guerra do Futebol” .....              | 24 |
| 1.4. Pós-Jogo – A Guerra entra em campo .....                                       | 30 |
| <b>CAPÍTULO 2 – AS FRENTES DE UNIDADE NACIONAL</b> .....                            | 33 |
| 2.1. Honduras – Unidade política e a propagação do discurso anti-salvadorenho ..... | 35 |
| 2.1.1. Mobilização popular na iminência da invasão.....                             | 41 |
| 2.2. El Salvador – Mobilização a partir da comoção, indignação e ação.....          | 47 |
| 2.2.1. “A las filas” – Movimentos sociais e a Frente de Unidade Nacional.....       | 53 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....  | 59 |
| Posfácio – Memórias de Guerra.....  | 63 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....   | 6  |

## INTRODUÇÃO

*“Este é um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”*. A épica frase dita por Neil Armstrong ao pisar na Lua, em 20 de julho de 1969, causou comoção e espanto no mundo todo. Arrebatamento pela constatação, certamente, do grau de engenhosidade e avanço tecnológico alcançado pelo ser humano. Havíamos pisado na Lua! Mas poucos talvez sabiam que, naquele momento, há quase 400 mil quilômetros de Armstrong, aqui mesmo, “pertinho”, em um recanto da América Central, uma guerra estava tendo seus capítulos finais. Mesmo hoje, ao colocarmos “julho de 1969” nos modernos buscadores online, encontraremos basicamente a proeza da Apolo 11 nos registros principais.

Longe de propor comparações, ou mesmo tentar depor contra a importância do objeto deste trabalho, este exemplo apenas evidencia a indiferença, estranheza e até mesmo jocosidade que uma guerra declarada entre El Salvador e Honduras, dois pequenos países centro-americanos, ainda mais logo após um cotejo futebolístico, gerou na imprensa internacional da época. Não à toa, a guerra seria alcunhada, naquele momento, com termos insólitos como: “Guerra do Futebol”, “Miniguerra”, “Guerra das Cem Horas”, “Guerra Relâmpago”, entre outras<sup>1</sup>. Com o passar do tempo, o melhor entendimento das questões que permearam a disputa mostrou a relevância do seu estudo<sup>2</sup>. Mesmo assim, a bibliografia dedicada ao assunto não é vasta, especialmente a produzida no Brasil.

---

<sup>1</sup> A alcunha “Guerra do Futebol”, de longe o termo que conduziria o conflito para a posteridade – certamente pelo inato tom pitoresco que carrega – seria consagrada pelo texto do jornalista polonês Ryszard Kapúscinsky, “Guerra do Futebol”, presente na bibliografia deste trabalho, mas teria origem ainda antes do conflito. Nos dias anteriores ao terceiro jogo da série, na Cidade do México, em 27 de junho de 1969 (ver capítulo 1.3), a imprensa mexicana, já sabendo do rompimento diplomático entre os países, estampava a seguinte manchete: “Llegó al genocidio la guerra del fútbol”. Cf. LEMUS, Eric, “**A 40 años de ‘la guerra del fútbol’**” Disponível em [http://www.bbc.com/mundo/america\\_latina/2009/07/090717\\_guerra\\_futbol\\_jp.shtml](http://www.bbc.com/mundo/america_latina/2009/07/090717_guerra_futbol_jp.shtml) Acessado em 23/05/2016.

<sup>2</sup> “Na verdade, estão presentes no conflito temas de grande interesse na política contemporânea: distribuição de renda reforma agrária, grupos de pressão, desemprego e subemprego, nacionalismo, militarismo, armamentismo, vinculação entre política externa e interna, excedentes demográficos, migrações internacionais, minorias nacionais, direitos humanos, geopolítica, delimitação de fronteiras, integração regional, não-intervenção, empresas multinacionais, organismos internacionais, dependência internacional etc” em: ALEIXO, José Carlos Brandi. **O Conflito El Salvador - Honduras e a Integração Centro-Americana**. Revista de Ciência Política XX (2): 23-78, abr. jun., 1977. P.23.

Segundo o historiador Thomas P. Anderson, o conjunto de causas da Guerra das Cem Horas é “multifacetado como um diamante”, não podendo ser simplificado por uma causa única<sup>3</sup>. No capítulo 1, tomaremos em mãos o diamante para sintetizar as condições políticas e socioeconômicas que colaboraram para o acirramento das rivalidades entre Honduras e El Salvador, bem como os antecedentes que diretamente motivaram a irrupção do conflito armado, em 14 de julho de 1969.

Para fins introdutórios é importante deixar claro que o conflito bélico em questão não foi causado pelo futebol, ao contrário do que possa ser inferido por seu nome/apelido peculiar e que por si já chama a atenção para um fator que está longe de ser o mais relevante para dar início ao conflito, mas que costuma conjecturar conclusões daqueles mais apressados. Ao contrário do futebol explicar a guerra, ou mesmo causá-la, as hostilidades e escárnios apresentados por ambas as partes durante a recepção aos adversários quando da realização dos fatídicos jogos que valiam pela semifinal das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, no México, têm origem em vários outros campos que em nada se parecem com o retângulo sagrado onde o esporte bretão é praticado: Como o campo midiático ufanista, de veículos de imprensa de massa dos dois lados pregando ideias xenófobas, que apenas atendiam aos interesses das oligarquias nacionais; do campo político, com medidas extremas como a “reforma agrária” hondurenha, que basicamente só previa a remoção daqueles que não fossem nascidos no país (entenda-se salvadorenhos) das terras públicas, bem como medidas restritivas no comércio dos países por parte de Honduras; do campo econômico, pois os dois pequenos países encravados no centro da América viviam sob dependência do capitalismo central mundial, especialmente do capital estadunidense, por diversas formas, o que necessariamente interferia em outro campo importante, o campo social, pois o grande desemprego, em boa parte causado pela impossibilidade de acesso à terra para a grande maioria da população, levaria milhares de salvadorenhos a emigrar para Honduras - se estima que 300.000 estivessem trabalhando no país vizinho em 1969 - um país com maior área e com concentração populacional bem menor, mas com o mesmo problema de acesso à terra.

---

<sup>3</sup> El Salvador: História mínima, 1811-2011. Autores vários. Editorial Universitaria, San Salvador. Primera edición: Septiembre de 2011. P. 83.

No capítulo 2, veremos que, a partir do discurso nacional chauvinista<sup>4</sup> extensamente explorado na imprensa dos dois países na medida em que a crise entre os governos se agrava, os diversos setores da sociedade seriam mobilizados na busca de coesão política nacional em torno da solução militar para a crise. Na busca desta coesão, dentro de um objetivo específico, se formariam nos dois países as denominadas Frentes de Unidade Nacional<sup>5</sup>. Segundo Argueta (2011), a arregimentação de apoio político partiu do estabelecimento de objetivos comuns que unificaram os diferentes atores das comunidades nacionais ao redor de um projeto compartilhado.<sup>6</sup> Em outras palavras, o que abordaremos com o nome de Frente de Unidade Nacional deve ser entendido historicamente dentro de suas limitações, tendo sua atuação restringida pela limitação temporal – a unidade apenas durante a duração da crise entre os governos; e limitação programática – a unidade em torno da resolução da citada crise, não avançando na resolução e entendimento entre os setores. A frágil sustentação destas unidades políticas conjunturais, portanto, seriam as mobilizações patrióticas.

Las movilizaciones patrióticas son un tipo de movimiento social que no posee una referencia directa a problemas como la pobreza, la desigualdad social y la exclusión política Pluriclasistas y políticamente heterogéneas, las movilizaciones son cohesionadas por una ideología integradora, - el patriotismo - que, por definición, rechaza la disgregación y el conflicto interno frente a una amenaza externa supuesta o real. Son movilizaciones basadas en una identidad colectiva estereotipada, homogeneizante y

---

<sup>4</sup> Segundo definição de Giorgio Bianchi: “Com este termo indica-se uma atitude de exasperado e cego patriotismo, que leva sempre seguidas polêmicas negadoras dos direitos de outros povos e nações”. Cf. BOBBIO, N. et al. (Org.) **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 2007. Cabe salientar que o chauvinismo como forma de discurso nacional pode assumir diferentes formas discursivas.

<sup>5</sup> Trataremos neste trabalho o processo de arregimentação de apoio ao projeto militar com o nome próprio “Frente de Unidade Nacional”, tal qual esse foi utilizado na imprensa da época, bem como a mobilização patriótica da qual a “Frente” se alimentou como “mobilização de unidade nacional”. Importante salientar a distinção do chamamento à unidade da comunidade política nacional, como a citada, a partir da mobilização patriótica da sociedade civil tendo como consenso social básico a identificação de um inimigo comum, ou seja, estabelecendo um objetivo militar pontual como única base aparente de apoio consensual e o processo de formação dos Estados Nacionais no século XIX. Neste processo mais complexo o nacionalismo desempenharia um papel preponderante, sustentando a desejada unidade nacional a partir de determinados pilares mais fortes e permanentes como o culto a símbolos como a bandeira, ao povo, à língua, o uso da educação e da necessidade de defesa do território, etc. Sobre a formação dos Estados Nacionais consultar HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. Paz e Terra, RJ, 1977. Em especial, o cap. 5 “A Construção das Nações”.

<sup>6</sup> ARGUETA Hernandez, Ricardo. **La memoria de ‘la guerra de las cien horas’. Victoria o legitima defensa?** em Eduardo Rey Tristan y Pilar Cagiao Vila (coords.), *Conflicto, memoria y pasados traumáticos: El Salvador contemporáneo*, (Santiago de Compostela, Espana: Universidad de Santiago de Compostela, USC, 2011). (177-188). P. 182



redimensionada en relación a una representación igualmente estereotipada del antagonista.<sup>7</sup>

Desta maneira, o chamado à unidade política nacional ocorreria às custas do apontamento de um inimigo externo comum, fomentando um conjunto de práticas de identificação coletiva, além do estabelecimento de um objetivo imediato que justificasse adiar a resolução dos graves conflitos sociais, resultados diretos da desigualdade socioeconômica estrutural dos dois países. A mobilização de unidade nacional cumpriria assim um duplo papel: internamente neutralizando ameaças de desestabilização, como as greves de diversos setores laborais ocorridas em ambos nos anos anteriores, com apoio dos movimentos estudantis que, juntos, formavam oposição programática, propondo reformas não desejadas pelas oligarquias locais; e externamente, a partir da mobilização da sociedade civil e da cultura de guerra instalada, formando uma retaguarda para o confronto bélico iminente. O instrumento para transformar essa retaguarda, heterogênea por natureza, numa unidade coesa, seria um dos mais conhecidos e bem-sucedidos para este tipo de intento: o nacionalismo.

Ambos estados alentaron el nacionalismo a medida que la crisis internacional se volvía más amenazante y cuando las tensiones se transformaron finalmente en violencia generalizada, el nacionalismo, movilizado a niveles sin precedentes en la historia de ambas naciones, incrementó la capacidad de los adversarios para hacer la guerra con todos los medios a su disposición.<sup>8</sup>

A partir do pressuposto de Marx & Engels: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante”<sup>9</sup>, entenderemos as Frentes de Unidade Nacional, como mecanismos utilizados por estados controlados por oligarquias tradicionais, com pouca tradição democrática, para impor suas pautas como as pautas nacionais.

Las elites se caracterizan no solo porque estan conformadas por grupos reducidos que detentan poder economico, sino tambien por la capacidad que poseen para hacer comunes sus objetivos, principios y valores y trasladarlos

---

<sup>7</sup> PÉREZ PINEDA, Carlos. **Una guerra breve y amarga: retaguardia, cultura de guerra y movilización patriótica en el conflicto Honduras-El Salvador julio de 1969**. Tesis de Maestría Académica, Universidad de Costa Rica. Sistema de Posgrado. Ciudad Universitaria Rodrigo Facio, Costa Rica, 2012. P. 142.

<sup>8</sup> Idem. P. 45-6.

<sup>9</sup> MARX, K & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélío Schneide e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007. P. 47.

al resto de la sociedad utilizando para ello los recursos mediaticos e ideología acorde a sus intereses.<sup>10</sup>

As estruturas socioeconômicas estavam em grande medida condicionadas pela situação de dependência econômica de ambos os países em relação aos centros hegemônicos do capitalismo. Entenderemos as ações governamentais que gerariam a instabilidade entre os governos dentro desta condicionante, porém, não como uma tentativa de subvertê-la, ao contrário, essencialmente como reflexo dos interesses dos grupos dominantes locais com finalidade de conservação dos privilégios:

Las elites y los grupos de poder economico se transforman en los denominados "grupos facticos" cuando haciendo uso de una gama de recursos vitales o estrategicos como los recursos naturales, la fuerza, el dinero, la fe, medios de comunicacion, logran poder politico de tal magnitud que igualan o superan el poder del Estado y por lo tanto lo obligan a cumplir con sus peticiones de grupo anteponiendose a la colectividad o a otros grupos sociales.<sup>11</sup>

Desse modo, em raro momento em que buscam amparo popular, formam, com apoio das mídias nacionais, uma cultura de guerra de matiz nacionalista em relação a um inimigo externo, justificando, por assim dizer, as iniquidades e idiossincracias estruturais, como conjunturas a partir da ação de outrem.

Tanto em El Salvador quanto em Honduras os governos militares serviam como anteparo para a elite dominante contra progressos não desejados de grupos sociais excluídos da tomada de decisão.

En ambos países existían democracias restringidas cuyo juego político tenía lugar, fundamentalmente, en los principales centros urbanos. Importantes actores estaban excluidos del proceso político y los militares tenían el poder para colocarse encima de la ley las veces que fueran necesarias para impedir progresos demasiado amenazantes de la oposición tolerada dentro del restringido juego democrático.<sup>12</sup>

Dentro deste cenário político, ganham importância os movimentos sociais como atores fundamentais para conquistas a partir de lutas progressistas e para a construção da democracia: “Aportan a la construcción y ejercicio de la ciudadanía, amplían el horizonte de los Derechos Humanos, fortalecen las identidades. Además contestan,

---

<sup>10</sup>ARGUETA, D. M. L & CASTRO, Misael. **El estudio de las elites y los grupos de poder em Honduras**. Em: Democracia, élites y movimientos sociales en Honduras: compilación de ensayos. Universidad Nacional Autónoma de Honduras. Instituto Universitario en Democracia, Paz y Seguridad (IUDPAS). Tegucigalpa, Honduras, 2010. P.11.

<sup>11</sup> Idem, P.12.

<sup>12</sup> PÉREZ PINEDA 2012, Op. Cit. P.13.

influyen y negocian el poder”.<sup>13</sup> Veremos como a partir do discurso oficial transmitido via imprensa, os movimentos sociais populares de Honduras e El Salvador, com efervescente oposição e luta nos anos e meses precedentes, acabam se integrando às Frentes de Unidade Nacional em função do discurso chauvinista.

Desta maneira, a hipótese central deste trabalho mostra que as causalidades mais diretas da irrupção do conflito bélico foram precipitadas pelo choque de interesses das oligarquias nacionais – especialmente no que se refere à questão migratória. Estas ao verem o crescimento da instabilidade buscam a partir do discurso nacional chauvinista, reproduzido na imprensa, reunir a sociedade civil em torno da solução militar para a crise, por parte de El Salvador e na defesa das medidas excludentes e posteriormente na defesa do território em Honduras. Dentro do leque de apoios se incluíam os movimentos sociais, de histórica oposição aos governos.

Em Honduras, à mobilização de unidade nacional precederam uma série de medidas excludentes tomadas pelo governo, das quais se destaca a já mencionada reforma agrária que abriu margem para as expulsões dos camponeses salvadorenhos, iniciada em abril de 1969. No entanto, é a partir de junho que se aceleram as expulsões violentas. Esse aumento na violência ocorre após o segundo jogo das eliminatórias entre as seleções em San Salvador. Os acontecimentos no estádio Flor Blanca e nas ruas da capital de El Salvador teriam uma cobertura profundamente distorcida por parte da imprensa hondurenha, trazendo constantes relatos de barbáries contra hondurenhos e hondurensas e desrespeito a símbolos pátrios de Honduras. Seria utilizada, portanto, uma retórica auto justificada que legitimaria e naturalizaria as violentas ações contra salvadorenhos residentes em Honduras, em grande medida, desumanizando-os, o que explica a participação de parte da insuflada sociedade civil nas ações, bem como o silêncio das autoridades e da imprensa sobre as mesmas.

No caso salvadorenho, inicialmente a mobilização de cunho patriótico teria um matiz humanitário. O objetivo imediato constituiria em auxiliar os milhares de compatriotas deportados de Honduras com doações de alimentos, dinheiro, roupas, etc. especialmente após o mês de junho de 1969, quando as expulsões se aceleraram. Com o

---

<sup>13</sup> SOSA, Eugênio. **Democracia, procesos electorales y movimientos sociales en Honduras: de la transición política al golpe de Estado**. CLACSO, Buenos Aires, 2015. P. 10. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20150804034807/INFORME-FINAL-DEMOCRACIA.pdf>>. Acessado em 20/05/2016.

decorrer do tempo e efeito da publicidade sensacionalista, com apurado viés patriótico da imprensa a partir dos relatos dos deportados apontando violentas expulsões, fomenta-se na opinião pública uma onda de indignação contra o governo hondurenho e torna a ideia de que era imprescindível um ataque militar contra Honduras para que cessasse o “genocídio” dos compatriotas em solo estrangeiro mais do que plausível: inevitável. Seria, portanto, uma cruzada em nome dos “direitos humanos e da dignidade dos homens”.<sup>14</sup> Essa versão oficial, no entanto, oportunamente deixaria de lado o principal objetivo governamental – impulsionado pela oligarquia latifundiária - que era evitar o retorno das centenas de milhares de salvadorenhos que viviam em solo hondurenho, pois além de perder a histórica válvula de escape da pressão campesina por terras e da pressão urbana por empregos, teria que, necessariamente, para não agravar a níveis insuportáveis as tensões no campo e na cidade, pôr em prática profundas reformas sociais, especialmente a reforma agrária, eternamente adiada pela elite oligárquica.

Para a difícil – e aparentemente nunca acabada – tarefa de análise das causas do conflito, utilizamos algumas obras referenciais como Carías & Slutsky (1971), compilação de quatro artigos, que traz uma excelente base de dados e análises das estruturas socioeconômicas dos países. O livro de Jiménez (1974), pormenoriza e analisa as causas do conflito. Além destes, os artigos de Gerstein (1970) e Nunfio (1970), fazem análises mais concisas dos aspectos gerais. Os textos de Bologna (1977) e Aleixo (1977) trazem a visão das relações intencionais sobre o conflito, especialmente as questões precedentes relacionadas ao Mercado Comum Centro-Americano, assim como a participação da OEA na resolução do mesmo.

Para o estudo das mobilizações de unidade nacional e do discurso nacional presente na mídia, além da base das obras referenciais foi utilizada a tese do historiador Pérez Pineda (2012), que apresenta uma extensa pesquisa dos periódicos hondurenhos e salvadorenhos, que embora tivessem naturalmente, diferentes linhas editoriais, adotariam no decurso do período estudado uma linha nacionalista, expondo o discurso nacional, como já mencionamos, de acordo com os objetivos imediatos dos respectivos governos na solução para a crise com o país vizinho<sup>15</sup>. A partir das fontes primárias

---

<sup>14</sup> NUNFIO, Obdulio. **Radiografía de la guerra del fútbol o de las cien horas**. *Rev. Mex. Sociol.*, v. 32, n. 3, p. 659-690, maio/jun. 1970. P. 676.

<sup>15</sup> O período observado se concentra entre o começo das expulsões dos salvadorenhos de Honduras, em Abril de 1969, e vai até o imediato pós-guerra, no mês de agosto do mesmo ano. Os jornais que constam

expostas pelo autor pudemos observar e exemplificar o real teor das campanhas midiáticas, sempre com o cuidado metodológico de dar luz apenas aos aspectos amplamente expostos na bibliografia referencial. Portanto, na impossibilidade logística de se empreender uma pesquisa mais profunda das fontes primárias dos respectivos países, optamos por trazer à luz determinados aspectos do discurso nacional, expostos na própria bibliografia. Se por um lado, estamos cientes da perda da profundidade que a pesquisa na fonte primária agregaria ao trabalho, por outro lado, temos a clareza de que tal exposição contribui para o entendimento do objeto do trabalho, assim como para novos pesquisadores que queiram, eventualmente, aprofundar o trabalho aqui iniciado. Especialmente, em face da já exposta escassez de bibliografia sobre o assunto no Brasil.

Desta maneira, ao iniciarmos o estudo da Guerra das Cem Horas, devemos estar cientes da complexidade das suas causas – que o termo Guerra do Futebol costuma mascarar diante do senso comum – e entendermos que a guerra não foi de futebol, mas sim de um jogo mais acima, o choque de interesses das oligarquias nacionais, que por coincidência, teve em um jogo de futebol o álibi perfeito para a explosão do chauvinismo já alimentado no discurso nacional, presente na imprensa dos dois países.

## CAPÍTULO 1 – AS CAUSAS DO CONFLITO.

Tiene por enemigos a dos pedazos de América Central, jirones de la que fue, hace un siglo y medio, patria única.

Honduras, pequeño país agrario, está dominado por los latifundistas.

El Salvador, pequeño país agrario, está dominado por los latifundistas.

El pueblo campesino de Honduras no tiene tierra ni trabajo.

El pueblo campesino de El Salvador no tiene tierra ni trabajo.

En Honduras hay una dictadura militar nacida de un golpe de Estado.

En El Salvador hay una dictadura militar nacida de un golpe de Estado.

El general que gobierna Honduras ha sido formado en la Escuela de las Américas, en Panamá.

El general que gobierna El Salvador ha sido formado en la Escuela de las Américas, en Panamá.

De los Estados Unidos provienen las armas y los asesores del dictador de Honduras.

De los Estados Unidos provienen las armas y los asesores del dictador de El Salvador.

El dictador de Honduras acusa al dictador de El Salvador de ser un comunista a sueldo de Fidel Castro.

El dictador de El Salvador acusa al dictador de Honduras de ser un comunista a sueldo de Fidel Castro.<sup>16</sup>

Partindo desta visão, na qual Galeano trata com certa ironia as características dos “inimigos de guerra”, mostrando que ambos tinham predicados que se relacionavam. Para além das origens culturais e históricas em comum, entendemos que as semelhanças no desenvolvimento dos países se devem, essencialmente a situação de dependência histórica de ambos aos centros do capitalismo mundial, ficando estes dois países centro-americanos numa condição periférica, como define Vânia Bambirra: “a dependência é uma situação na qual certo grupo de países tem a economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia a qual ela própria está submetida”.<sup>17</sup> Esta situação de dependência condiciona também a estrutura interna e assim as possibilidades estruturais da economia destes países. Como veremos a seguir as condições materiais e aspectos naturais ditariam o ritmo do desenvolvimento nos países centroamericanos no século XX, sempre de acordo com os interesses de investimentos do capital estrangeiro.

<sup>16</sup> GALEANO, Eduardo. *Memória Del fuego III – El siglo Del viento*. México, Siglo Veintiuno, 1986. p.188.

<sup>17</sup> BAMBIRRA, Vânia. *El Capitalismo Dependiente Latinoamericano*. México, Siglo Veintiuno, 1974. P.8.

### 1.1. Preliminar – Situação de El Salvador e Honduras em 1969.

“De esta suerte, dos países chicos, dos países hermanos hasta entonces, con una historia común, con una población entremezclada se fueron a la guerra como dos peones de un ajedrez más complicado.”<sup>18</sup>

No que diz respeito à formação econômica dos dois países, algumas particularidades influenciariam, especialmente, no tipo de investimento estrangeiro – essencialmente estadunidense – que seria atraído no século XX. El Salvador, com terreno menos montanhoso e mais homogêneo, atraiu instalação de indústrias leves e desenvolveram-se sistema de ferrovias e rodovias por todo o território, por outro lado, Honduras com terreno mais acidentado atraiu a instalação das companhias bananeiras, e estas se concentrariam basicamente na costa norte, que, em função disso, receberia alguns investimentos estruturantes como porto e ferrovias para escoar a produção das frutas. Além disso, o tipo de produção agrária também condicionou o desenvolvimento dos países:

No último quartel do século XIX El Salvador desenvolveu, sobretudo o cultivo do café, e Honduras o da banana. A riqueza, no primeiro caso, permaneceu nas mãos da oligarquia local, mas no segundo, passou a pertencer a companhias norte-americanas. Desta forma, os empresários hondurenhos perderam importante fonte de excedente econômico, capaz de modernizar e desenvolver o país.<sup>19</sup>

A presença das empresas bananeiras estadunidenses – especialmente a United Fruit Co. e a Standard Fruit Co - em Honduras representava a presença de um Estado dentro do Estado, controlando a maior parte da costa norte do país. Além disso, a presença estrangeira fica evidenciada, uma vez que 80% do comércio de exportação estava em mãos não-nacionais, sendo que 50% das exportações totais eram de banana.<sup>20</sup> Os lucros referentes a esses negócios ficavam basicamente para as empresas, que pouco reinvestiam no país, remetendo o excedente para o exterior.

De 1925 a 1950 as empresas estrangeiras remeteram ao exterior a soma de 825 milhões de lempiras (duas lempiras = um dólar), ou seja, um promédio de 33 milhões de lempiras por ano, ao passo que o orçamento da nação chegava apenas aos 12 milhões de lempiras em 1932. Em 1950 as remessas

<sup>18</sup> NÚNFIO Op. Cit. P.684.

<sup>19</sup> ALEIXO 1977a Op. Cit. P. 41.

<sup>20</sup> CARÍAS, Marco Virgilio e SLUTZKY, Daniel. **La guerra inútil: análisis socioeconómico del conflicto entre Honduras y EL Salvador**. Universidad Centroamericana. Costa Rica, San José, 1971. P.32.

da United e da Standard ascenderam a 48 milhões de lempiras, ao passo que o orçamento do país ainda não atingia os 50 milhões.<sup>21</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial, vemos os países centro-americanos envoltos com o ideal integracionista, já presente há muito no imaginário centro-americano. A formação da Organização dos Estados Centro-Americanos (ODECA), em 1951, seria um marco importante nessa aproximação. Os chanceleres dos cinco países foram muito influenciados pelos artigos da ONU sobre organismos regionais e pela assinatura da Carta da OEA, em Bogotá, em 1948. A ODECA considera seu objetivo primordial reconstruir a unidade política da região. A integração econômica seria gestada nesta década, com apoio técnico da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), órgão da ONU, concebendo a integração econômica como fator de desenvolvimento regional em dois sentidos:

En primer término, la integración estimularía el abandono de las exportaciones tradicionales; en segundo lugar, ayudaría a modernizar las economías latino-americanas, obligándolas a especializarse en el marco de un mercado regional ampliado y protegido.<sup>22</sup>

Os Estados Unidos que, na década de 50 mantinha fortes restrições quanto à integração regional centro-americana, percebe, após 1958, as vantagens que o livre comércio poderia lhe trazer, sobretudo, evidentemente, se fosse feito sob as suas condições e não sob as da CEPAL. Esse processo tem início ainda em 1960 quando El Salvador, Honduras e Guatemala subscrevem, o “Acordo Tripartite da Guatemala”, com a presença de uma equipe de trabalho do Departamento de Estado Americano, vindo de Washington especialmente para o evento.

Os Estados Unidos decidiram também criar na Guatemala, em 1962, um escritório regional da Agência de Desenvolvimento Internacional (AID) que supervisionaria a utilização adequada dos fundos à disposição dos países centro-americanos e debilitaria a influência do escritório da Cepal, na cidade do México.<sup>23</sup>

Em 1963, reuniram-se em San José de Costa Rica os presidentes da América Central e dos Estados Unidos. John F. Kennedy apoiou as resoluções integracionistas regionais. Nesse dia ficou definida a criação do Banco de Integração Econômica

---

<sup>21</sup> ALEIXO 1977a Op. Cit. P.43.

<sup>22</sup> BOLOGNA, Alfredo Bruno. **Conflicto El Salvador-Honduras: Análisis sociológico de las relaciones internacionales**. Buenos Aires. Tierra Nueva, 1977. P.28.

<sup>23</sup> ALEIXO 1977a Op. Cit. P.68.



Centro-Americana, cuja concepção foi apoiada pelos norte-americanos, pois: “Sendo a principal fonte dos fundos, poderia exercer grande influência em suas decisões [...] De imediato, o fundo ficou constituído com USS 30 milhões dos quais 25 milhões provenientes dos Estados Unidos e 1 milhão de cada uma das cinco repúblicas”.<sup>24</sup>

O processo selaria a formação do Mercado Comum Centro Americano (MCCA), mas antes de entrar nos aspectos deste último cabe salientar o papel de outro órgão criado dentro das tratativas integracionistas, o Conselho de Defesa Centro-americana (CONDECA), finalizado em 1964, já que dentro desta ideia de controle da região era preciso haver além de uma integração econômica, também integrações ideológica, educacional, política e militar, dentro de um contexto “perigoso” de lutas populares na região que tinha a Revolução Cubana como um marco importante.

O Condeca é o instrumento mediante o qual os exércitos centro-americanos são subordinados totalmente à política do Pentágono. A “segurança nacional” dos Estados Unidos passa a ser, na realidade, a razão de ser e de agir dos exércitos centro-americanos. O controle político-militar da região, com matizes coloniais, fica mais garantido, como demonstrarão fatos posteriores.<sup>25</sup>

O funcionamento da MCCA servia aos interesses do capital internacional, pois a união de vários pequenos mercados permitia montar fábricas que produziam em toda uma zona sem que os produtos tivessem de pagar impostos aduaneiros, já que este processo de “industrialização” se apoiava basicamente nos investimentos de capital estrangeiro - estadunidenses em sua maior parte - onde este se associa ao capital nacional, submetendo-os a condição de sócios minoritários. Acaba ocorrendo um processo de concentração e centralização da economia, expressa através da instalação de empresas com capital internacional.

Segundo comunicação do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), o comércio entre os países da América Central e Caribe passou de 31 milhões de dólares em 1961 para 241 milhões de dólares em 1967<sup>26</sup>. Porém, para além dos números, é necessário lembrar que a intensificação do intercâmbio econômico não contemplou reformas estruturais nos países: não efetivou reformas sociais; não distribuiu renda; ou mesmo, modificou a estrutura dos sistemas de produção dos mesmos. Para Bologna

---

<sup>24</sup> ALEIXO 1977a Op. Cit. P.69.

<sup>25</sup> CASANOVA Op. Cit. P.148.

<sup>26</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.31.

(1977), a mensagem que os anos seguintes deram foi clara: “La integración económica es un mal sustituto para las reformas sócio-políticas”.

Existe coincidência de diferentes autores en este aspecto, El incremento impresionante del comercio no ha servido, sin embargo, para cambiar las condiciones de aquellos países, por que hoy, como a principios de siglo, Costa Rica, Nicaragua, Honduras, El Salvador y Guatemala, siguen aportando a los mercados los mismos productos primarios (bananas, café, cacao, etc) e importando los bienes manufacturados que consumen. Siguen siendo subdesarrollados.<sup>27</sup>

Além disso, o regramento do MCCA parece não ter levado em consideração especificidades dos países envolvidos - ou mesmo não ter se preocupado com isso - já que vimos uma assimetria no processo histórico de desenvolvimento da industrialização centro-americana nos diferentes países, pois a liberação do comércio inter-regional: “estimulam o crescimento dos países ‘avanzados’ em detrimento dos ‘atrasados’ na primeira metade da década. Logo se evidencia as limitações consubstanciais do projeto”.<sup>28</sup> Assim, teriam vantagens El Salvador, Guatemala e Costa Rica – em contraposição a Nicaragua e Honduras - que antes de 1960 tinham um processo de industrialização, embora incipiente, suficientemente pujante para criar uma burguesia local mais forte, pronta para a já referida associação com o capital estrangeiro. Além disso, no caso de El Salvador, a infraestrutura, especialmente a malha ferroviária e rodoviária, a tornaria mais atraente para esses investimentos.

Honduras aceita os termos do acordo esperando desfrutar de prerrogativas compensatórias no decorrer do processo, o que, evidentemente, não acontece. Uma vez que as exportações de Honduras se mantiveram destinadas principalmente para países fora do Mercado Comum, e parte de suas importações migraram para os países consignatários do Tratado, sua balança ficaria negativa intra-mercado e positiva extra-mercado, exatamente o oposto do que ocorria em El Salvador, que ganha mercado para manufaturas com o advento do MCCA.

Em 1966 a CEPAL informa que o Mercado Comum era para o desenvolvimento de Honduras “mais um obstáculo do que um fator estimulante”<sup>29</sup>, estando em situação de menor desenvolvimento relativo que outras economias centro-americanas, o que levaria a algumas medidas reparadoras de cunho protecionistas por parte de Honduras,

<sup>27</sup> BOLOGNA Op. Cit. P. 32.

<sup>28</sup> CASANOVA Op. Cit. P. 149.

<sup>29</sup> ESCOTO, Julio. **Lectura postraumática del año de la guerra (1969)**, San Pedro Sula, Honduras: Centro Editorial, 2010. P. 12.

como o protocolo de San José, em junho de 1968, que proporcionou um marco legal para a cobrança de imposto de consumo sobre mercadorias da área de Honduras e Nicarágua. Do ponto de vista de Honduras, a medida se deve a sucessivos anos de déficit no comércio anual com El Salvador, em especial.

La desventaja relativa em que se hallaba Honduras respecto al intercambio regional (su industria sólo aportó el 9,4 % del valor agregado manufacturero de la zona em 1968), aunada al creciente endeudamiento externo (de 65 millones de dólares em 1960 la deuda pública había pasado a 195 millones em 1967) llegó a causar serias dificultades fiscales y em la balanza de pagos de aquel país, las cuales se agravaron quando el comercio com El Salvador empezó a arrojar saldos negativos<sup>30</sup>

Além da questão comercial, fruto do desgaste do MCCA, o problema histórico do acesso à terra nos dois países passaria por um agravamento significativo nas décadas de 1950 e 1960. Em Honduras, para majorar os lucros e aumentar a produtividade, as grandes empresas bananeiras passaram a utilizar maquinário moderno. A United Fruit Company e Standard Fruit Company, procedem demissões em massa, especialmente após as grandes greves camponesas de 1954. Juntas, as empresas contavam com 35.000 trabalhadores em 1953, e passaram a ter apenas 16.000, em 1959. Na década de 1960 também ocorre a expansão da produção de gado para exportação, o que exige utilização de grandes espaços para o pasto, diminuindo ainda mais o espaço das pequenas e médias propriedades. Neste país, 39 % da terra estava concentrada em 2% da população<sup>31</sup>.

Em El Salvador mais de 60 % da população se dedicava a agricultura. Os minifúndios correspondiam em 1961, a 91,4% das propriedades, no entanto ocupavam apenas 22% das terras, somando 1,4 milhões de pessoas, o que representava 93% da população rural, que vivia na plena miséria. Enquanto isso, as 1.027 grandes propriedades ocupavam 38% do território.<sup>32</sup> E como a oligarquia salvadorenha destinava seus latifúndios à produção agrícola de exportação - especialmente café, com

---

<sup>30</sup> RAPAPORT, Sara Gordon. **Crisis Política y Guerra em El Salvador**. México, Editora Siglo Veintiuno, 1989. p.116-117.

<sup>31</sup> CARÍAS & SLUTZKY Op. Cit. P.165.

<sup>32</sup> CARÍAS & SLUTZKY Op. Cit. P.18. O resultado da abolição do chamado sistema de *ejido* e de comunidades indígenas em 1882 foi o fortalecimento da propriedade privada sobretudo dos grandes latifundiários. Violou-se uma forma de propriedade da terra para depois se defender a inviolabilidade de uma outra forma. Os remanescentes comunais foram praticamente exterminados pelo Gen. Maximiliano Hernandez Martinez após o levante camponês de 1932. Criou-se assim uma massa de trabalhadores despossuídos dos meios de produção. Este proletariado agrícola converteu-se em mão-de-obra abundante e barata. Cf. ALEIXO 1977a, Op. Cit. P. 37.

quase metade das exportações e algodão, com cerca de 13%<sup>33</sup> - a produção cultivada destinada a alimentação diminuiu consideravelmente trazendo problemas de abastecimento.

Vemos, portanto, que nos dois países a concentração de terras causava desemprego, baixos salários e pouca diversificação agrícola, além disso, as melhores terras estavam sob o domínio das empresas estrangeiras e dos latifundiários locais e o cultivo nelas era de cunho exportador. Como veremos em seguida, o problema da concentração da terra se torna um dos fatores basilares do conflito.

## **1.2. Pré-Jogo – Os motivos da guerra.**

Em Honduras, a partir de 1967, começa a se intensificar a pressão dos camponeses por acesso à terra, muito em função da alta parcela de desempregados – muitos destes despedidos após a modernização da produção da United Fruit Co. e da Standard Fruit Co. como mencionado anteriormente. Além disso, a Federación Nacional de Agricultores y Ganaderos de Honduras (FENAGH)<sup>34</sup>, cobrava do governo, a partir de seu órgão responsável, o Instituto Nacional Agrário (INA), uma solução para levar adiante sua intenção de extensão dos grandes latifúndios às custas das terras estatais, então ocupadas, em grande medida, por salvadorenhos.

O presidente Oswaldo López Arellano teve de enfrentar, portanto, várias frentes do problema, de um lado os camponeses demandando terras, de outro a United Fruit Co. e Standard Fruit Co. que desejavam mecanizar ainda mais a sua produção para baratear os custos, e com objetivos mais imediatos, os latifundiários, especialmente pecuaristas, buscavam expandir a produção nas terras ocupadas por pequenos agricultores, que, após as demissões na década de 1950 ocuparam as terras estatais, após o esgotamento destas, começaram a invadir as propriedades privadas.<sup>35</sup> Os latifundiários acabariam

---

<sup>33</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.41. Os principais mercados eram Estados Unidos e Alemanha Ocidental.

<sup>34</sup> A FENAGH foi fundada em 1966 com objetivo de se opor às demandas de reforma agrária por parte dos camponeses e promover o processo de extensão das grandes propriedades “por medios legales e ilegales”. Cf. PÉREZ PINEDA, Carlos. **El conflicto Honduras - El Salvador, Julio de 1969**. San José, Costa Rica, 2014. P.12.

<sup>35</sup> Para 1961, os dados apontam que 76% dos hondurenhos viviam no campo. Portanto, cerca de 1,3 milhões dos 2 milhões de habitantes. Dentre os moradores da área rural, cerca de 85% da população economicamente ativa, praticava apenas agricultura de subsistência. Cf. CARIAS & SLUTSKY.Op. Cit. P. 16.

pressionando de forma decisiva o governo<sup>36</sup>, pois já haviam, por sua conta, utilizado a influência da FENAGH para lançar uma campanha difamatória contra os imigrantes salvadorenhos em Honduras na imprensa. Nesse prisma, fica mais fácil entender a decisão do governo como uma aquiescência quanto ao rumo escolhido pelos pecuaristas para superar a crise.

El gobierno hondureño decidió resolver la crisis agraria mediante una maniobra diversionista que, en aquel momento, parecía ser una solución de bajo costo político: la expulsión de los campesinos precaristas salvadorenhos de las tierras nacionales que ocupaban de hecho desde muchos años atrás y la aplicación sin contemplaciones del artículo 68 de la vieja ley agraria de Villeda Morales que establecía la ciudadanía hondureña por nacimiento como condición para ser beneficiario de los programas de distribución de tierras del Instituto Nacional Agrario (INA).<sup>37</sup>

Os camponeses, anteriormente, já haviam protestado invadindo terras privadas, inclusive da United Fruit Co., esta, vendo que se intensificavam essas ações e crescia o nível de organização – e de violência - dos reivindicantes, também pressionou o governo para que se solucionasse o problema agrário.

La expulsión de los salvadoreños residentes en Honduras daba la oportunidad al gobierno de entregar las tierras de estos a honduras, cosa que aliviaría la tensión y a la vez facilitaría a la United el despido del personal salvadoreño [...] Las ocupaciones de tierras, por parte del campesinado, la intención de la United de ampliar la mecanización de los cultivos para abaratar los costos y los intereses afectados en Honduras por la llamada integración económica, formaron el trío que compuso el por qué de la guerra.<sup>38</sup>

A solução encontrada pelo governo hondurenho, portanto, foi colocar em prática o artigo 68, capítulo VII da reforma agrária de 1962 – feita ainda no governo de Villeda Morales – que dispunha: “Tienen capacidad para obtener una parcela de tierra por dotación, los campesinos que reúnan los siguientes requisitos: 1. Ser hondureño por nacimiento...”.<sup>39</sup> Claro está, que esta “reforma recauchutada” não ocorreria nas terras das empresas estrangeiras nem nas daqueles restantes dos 2% da população que detinha 39% das terras. Ela seria feita nas terras ocupadas pelos cerca de 300.000 salvadorenhos

<sup>36</sup> Carta enviada pelo presidente da FENAGH, em 24/11/1967, ao Presidente da República, deixa claro esse “pedido”. Documento disponível como anexo em CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 128.

<sup>37</sup> PÉREZ PINEDA 2014 Op. Cit. P.12.

<sup>38</sup> JIMÉNEZ, Eddy E. **La guerra no fue de fútbol**. Cuba, Ediciones Casas de Las Américas, 1974. P.93.

<sup>39</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.38.

que viviam do lado hondurenho da fronteira<sup>40</sup>. Número explicado pela concentração de terras, já citada; pela alta densidade populacional de El Salvador, com 240 habitantes por km<sup>2</sup>, a maior da centro-américa e oito vezes maior que Honduras; e, em função da emigração como política do estado salvadorenho, pois a evasão de camponeses aliviava as tensões sociais no país. Vemos, portanto, essa emigração como forma de fuga da repressão, da tensão social, além da fome e do desemprego, frutos da estrutura econômica e política do país. Emigração, que por sinal era uma prática antiga.<sup>41</sup>

Em curto prazo, a medida parecia satisfazer todas as “frentes” que pressionavam o governo hondurenho: As empresas bananeiras poderiam demitir os salvadorenhos, dentro da lei, dando continuidade ao processo de mecanização, e sem precisar despender maiores encargos para isso; os latifundiários teriam acesso às terras estatais antes ocupadas pelos salvadorenhos e parte dessas terras seria destinada para aliviar a pressão dos camponeses hondurenhos por terras. Além disso, a opinião pública, como veremos no capítulo 2, já estaria devidamente disposta a aceitar o discurso oficial, chauvinista e xenófobo, amplamente difundido na imprensa, no qual o problema de acesso à terra era culpa única e exclusivamente dos “usurpadores e aproveitadores” salvadorenhos.

La reforma agraria tenia un objetivo eminentemente politico: disminuir la conflictividad social en el medio rural apelando a un nacionalismo reaccionario dirigido exclusivamente contra la minoria salvadorenna ya que no se pretendia afectar a las companias bananeras extranjerias que, junto con los latifundistas nacionales, concentraban las tierras mas fertiles del pais. La presion ejercida sobre el gobierno por los empresarios ganaderos, a traves de la FENAGH y el Partido Nacional, lograron la implementacion de medidas para dividir al campesinado a traves de una linea de demarcacion nacional. La ejecucion despotica de la ley agraria discriminatoria derivo en la expulsion masiva de inmigrantes salvadorenos del territorio nacional y convirtio un conflicto interno por los recursos, en un conflicto internacional.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> Idem. P.11. Como a população de Honduras era de cerca de 2,5 milhões, podemos calcular que cerca de 12% do total dos habitantes de Honduras era de origem salvadorenha, ou ainda, um a cada oito habitantes.

<sup>41</sup> No final do século XIX com as instalações das companhias bananeiras estadunidenses em Honduras, se acelera o processo migratório de salvadorenhos em direção a este país, especialmente para a costa norte, onde as companhias operavam. Esse processo ocorre com o consentimento do governo de Honduras, uma vez que havia a necessidade de mão-de-obra, e existia um histórico de cooperação entre os povos, especialmente pela fluída fronteira. Portanto, em 1928 já havia dezenas de milhares de imigrantes salvadorenhos trabalhando no país vizinho. Cf. ALEIXO 1977a, Op. Cit, P.29. Após a crise de 1929, quando houve uma diminuição das exportações de café, bem como a queda no preço do principal produto de exportação de El Salvador – concentrando 95% das exportações - e conseqüentemente aumento da instabilidade no campo. A insurreição dos campesinos e indígenas, lideradas, entre outros, por Farabundo Martí, resultaria na matança, em 1932, de mais de 30.000 campesinos por meio de fuzilamento após um período de intensas lutas populares no campo como forma de repressão por parte das oligarquias que estavam no poder. Fugindo dessa situação de violência e miséria no campo se intensifica a saída de salvadorenhos em direção à Honduras. Cf. CASANOVA Op. Cit. P.120-127.

<sup>42</sup> PÉREZ PINEDA 2014 Op. Cit. P.12-3.

Todas estas medidas associadas à de incentivar o consumo de produtos nacionais, fortalecem a propaganda ufanista que, de imediato, aponta claramente para quem quisesse ler, ver e ouvir nos veículos de comunicação de massa um “culpado” pelos problemas de Honduras e obviamente este inimigo era externo; El Salvador que impingia produtos manufaturados – mais uma vez a questão da assimetria no desenvolvimento entre os países membros do MCCA aparece como fator desestabilizador - e os imigrantes que tiravam as terras dos camponeses e o trabalho dos operários hondurenhos. De uma maneira não tão subjetiva quanto se pudesse imaginar para este tipo de artifício midiático, a propaganda nacionalista acaba gerando um clima de xenofobia: dividindo a sociedade; marginalizando os salvadorenhos e mesmo forçando a divisão dos camponeses por nacionalidade.

Los avisos que instaban a la población a adquirir productos nacionales, cedieran el lugar a las denuncias sobre la mala calidad de los productos salvadoreños, y estas dejaron el suyo a afirmaciones rotundas sobre la deshonestidad que caracterizaba a los habitantes del país vecino<sup>43</sup>

A questão da migração salvadorenha não era assunto novo entre os governos. Já havia sido extensamente conversada em tratados de migração. O Tratado de Associação Econômica, firmado em 1960, na Guatemala, estabelecia a liberdade de circulação aos salvadorenhos em Honduras. Tratados bilaterais de migração vinham sendo negociados desde 1965, e renovados em 1967. Mas no começo de 1969, ao expirar o prazo do tratado anterior, Honduras se nega a renovar, alegando que se tornava urgente a definição precisa da fronteira entre os dois países, uma pauta muito antiga e sempre protelada mutuamente, algo que El Salvador, por seu turno, desejava protelar novamente<sup>44</sup>.

Nesse meio tempo, com objetivo de atenuar a pressão popular, o governo de López Arellano passou a adotar progressivamente medidas restritivas com intuito de frear a migração salvadorenha, como, por exemplo, colocar em prática uma lei de 1963 que proibia que as empresas contratassem mais de 10% de estrangeiros – mais uma vez leia-se salvadorenhos - além do decreto que a partir de 1968 impedia que estes escriturassem terras, o que dificultaria a legalização da situação daqueles salvadorenhos

---

<sup>43</sup> RAPAPORT Op. Cit. P. 119.

<sup>44</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.38.

a muito nas terras, porém, sem documentação<sup>45</sup>. Essas medidas culminariam com o começo das expulsões de terras daqueles que não podiam comprovar a nacionalidade hondurenha, em abril de 1969.

El Salvador, por seu turno, convivia com crescimento do desemprego que entre 1961 e 1971 passou de 5,1 para 10,2<sup>46</sup>, em função do momento econômico, o que gerava ações reivindicatórias por parte dos diversos setores, exemplo foram as greves de 1967, 1968 e 1969 dos setores assalariados têxtil, trabalhadores das universidades, da construção civil e motoristas de ônibus demandando melhores condições de trabalho e aumentos salariais. O General Fidel Sánchez Hernández, precisou lidar com pressões dos trabalhadores da cidade assim como os do campo. Porém, essas tensões, ainda não eram suficientes para preocupar a oligarquia, ao contrário do cenário que se desfraldava com o começo das expulsões de salvadorenhos de Honduras.

O fim da emigração sistêmica de salvadorenhos para Honduras - tradicional “válvula de escape” dos governos de El Salvador, muleta para estancar conflitos e recurso para protelar reformas das quais sua oligarquia não queria encampar - já seria um problema sério para o governo enfrentar. Não obstante, imaginar que centenas de milhares de deportados, sem-terra e sem emprego retornariam ao conflituoso e já densamente ocupado território salvadorenho seria inconcebível para a oligarquia.

La estructura de El Salvador se iba a perturbar si volvían los nacionales radicados em Honduras. La oligarquía nacional vio el peligro que significaba añadir cien mil desocupados más a los ya existentes y vio em la guerra la única manera de parar esa imigración. Este es el fator desencadenante de la invasión.<sup>47</sup>

Entre o começo das expulsões em abril e o mês de julho de 1969, se estima que entre 15 e 18 mil indocumentados já teriam retornado a El Salvador<sup>48</sup>. Para além de questionamentos a respeito da licitude das expulsões, o que mais marcaria e afetaria as relações entre os países seriam as denúncias de violência, em muitos casos praticados por parte das autoridades hondurenhas. As denúncias, por sinal, na maioria dos casos, era o único ítem que esses camponeses trariam na bagagem, uma vez que as desapropriações, via de regra, ocorriam sem pagamento de indenizações, e a própria nacionalidade salvadorenha – presumidamente a razão da expulsão – não podia ser

---

<sup>45</sup>AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002. P.191.

<sup>46</sup> RAPAPORT Op. Cit. P. 120.

<sup>47</sup> BOLOGNA Op. Cit. P. 41.

<sup>48</sup> Idem. P.39.



provada na volta a El Salvador, visto que a maioria não possuía documentos de identidade.

A mídia salvadorenha teria um papel semelhante à da vizinha Honduras, pois em função da possibilidade de ter de acolher os salvadorenhos de volta, tem início uma intensa campanha nacionalista denunciando os maus-tratos sofridos pelos “filhos da terra” do outro lado da fronteira. Trabalho feito sob encomenda para que as verdadeiras causas da campanha midiática ufanista não fossem percebidas, ou seja, o governo de Fidel Sánchez Hernández e aqueles que o apoiavam não os queriam de volta, mas não em função do bem dos compatriotas, ou por razões humanitárias, mas sim pela continuidade do *modus operandi* do sistema salvadorenho.

O cenário estava desenhado, as animosidades e intenções de lado a lado e principalmente evidentes, a ebulição de nacionalismos alimentados por campanhas midiáticas muito bem sucedidas, traziam um clima belicoso, e no meio disso tudo teríamos um jogo de futebol, que para o resto do mundo não teria a menor importância – e provavelmente para El Salvador e Honduras em outras circunstâncias também não tivesse – pois, apesar de decidir quem continuaria com chances de disputar a Copa do Mundo do ano seguinte, não se via em nenhum dos dois uma potência no esporte.

### **1.3. Começa o jogo – O futebol e a guerra na “Guerra do Futebol”.**

O papel desempenhado pelo futebol nessa guerra está longe de ser o de protagonista, o que condiz com o papel dos esportes modernos dentro do processo histórico das civilizações. Por exemplo, na Grécia Antiga, as guerras eram interrompidas para a realização dos jogos olímpicos. Era um evento eminentemente masculino e os jogos simulavam movimentos de guerra (lutas, corridas, lançamentos de peso, etc.), ou seja, se decidiria quem era mais forte, mais rápido, mais bem-dotado athleticamente, mas para isso não seria necessário derramamento de sangue. Podemos observar nesse exemplo características que marcam similaridades com os esportes modernos.

La ‘deportivización’ de los pasatiempos si me permite la palabra para designar com brevedad su transformación em deportes en la sociedade

inglesa, y la exportación de algunos de ellos a casi todo el mundo, son otros ejemplos del esfuerzo civilizador.<sup>49</sup>

Resumindo as palavras de Norbert Elias, o esporte tem esta capacidade de resolver as questões dentro de um campo padronizado - familiar para todas as partes - com um regramento claro e com um nível de violência controlado por predeterminações entabuladas na regra do jogo. Portanto, grosso modo, ao invés de investir em uma ação violenta o esporte age como meio “civilizador” canalizando a energia corporal e mental para o jogo. Com a popularização do esporte moderno e, principalmente o futebol como aquele que mais atrai adeptos, ele acaba construindo um caráter simbólico.

O esporte internacional tornou-se [...] uma expressão de luta nacional, com esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. [...] A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com um nome.<sup>50</sup>

Essa força simbólica também ajuda a entender o fator identitário nacional do indivíduo a partir do esporte, como vemos com mais clareza durante uma Copa do Mundo de futebol.<sup>51</sup> Um ótimo exemplo disso é a declaração de Maradona a respeito da épica vitória contra a Inglaterra na copa do mundo de 1986, no México, que classificou o scratch argentino e eliminou os ingleses nas quartas de final. Os sulamericanos conquistariam o mundo naquele ano, porém, para o craque do time e maestro da vitória com dois gols que entraram para a história das copas, Diego Armando Maradona, o mais importante foi ter ganhado da seleção que representava o país que tinha sobrepujado o seu na Guerra das Malvinas, em 1982. Vemos, neste exemplo, nas próprias palavras de Maradona, o caráter de transcendência de outros campos para dentro do campo de futebol, sendo este uma espécie de microcosmos da sociedade, dando subsídios práticos ao escrito de Hobsbawn.

Era mais do que ganhar uma partida era mais do que tirar a Inglaterra do mundial. Nós, de alguma maneira considerávamos culpados os jogadores ingleses por tudo que ocorrera, por tudo aquilo que o povo argentino havia sofrido na Guerra das Malvinas. Sei que parece uma loucura, um disparate, mas era, de fato, o que sentíamos. Era mais forte que nós. Estávamos defendendo nossa bandeira, os rapazes

---

<sup>49</sup> ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **Deporte Y Ocio em el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992. P. 34.

<sup>50</sup> HOBSBAWM, Eric. **O apogeu do nacionalismo: 1918-1950**. In: **Nações e Nacionalismos**. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2004. p.171.

<sup>51</sup> Sobre identidade nacional através do esporte ver GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. **Nações em Campo. Copa do Mundo e Identidade Nacional**. Niterói, Intertexto, 2006.

mortos, os sobreviventes.... Por isso, creio, meu gol teve tanta transcendência.<sup>52</sup>

Em países onde o futebol tem força simbólica popular para tanto, vemos alguns exemplos na história de seu uso com fins políticos. Como a Itália, então sob o regime fascista de Benito Mussolini, campeã mundial em 1934 e 1938 com alguns “reforços”<sup>53</sup>, façanha largamente utilizada como propaganda do regime nacionalista do *Duce*. Para outros esportes, busquemos o exemplo de Adolf Hitler nas olimpíadas de Berlim, em 1936, falhando no seu intento de comprovar a superioridade da raça ariana quando, estupefato, assistiu ao afro-americano Jesse Owens brilhar no estádio Olímpico de Berlim. Pegando exemplos sul-americanos, a Copa do Mundo da Argentina de 1978 em plena ditadura militar repressiva, organizada com anuência do presidente da FIFA João Havelange, fazendo a nação platense vibrar em frente à televisão e dentro do estádio Monumental de Nuñes, assistindo ao ditador General Videla entregar a taça do mundo para Daniel Passarella, capitão do time argentino, enquanto, no mesmo momento, a apenas 800 metros de distância do Monumental, na Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA), se praticava tortura e assassinatos de presos políticos<sup>54</sup>. Ou, como resume Kapúscinsky (2008) sobre a vitória do Brasil na Copa de 1970, “os militares da direita acabaram de assegurar mais cinco anos de governo pacífico”.<sup>55</sup> A utilização do futebol e da sua força simbólica como arregimentação de apoio político não seria exclusividade de governos ditatoriais. Um exemplo bastante claro disso foi a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, sendo apresentado, para além das questões esportivas, como

---

<sup>52</sup> AGOSTINO Op. Cit p.139. Depoimento de Maradona.

<sup>53</sup> Com intuito de deixar o time italiano mais forte e qualificado tecnicamente, pois para ele era essencial ganhar essa copa do mundo, Mussolini reforçou sua seleção com jogadores sulamericanos de reconhecida habilidade, como os argentinos Luis Monti e Attilio Demaria, vice-campeões pelo seu pais natal na Copa de 1930. Além do brasileiro Filó, que usou seu nome Anfologino Guarisi e os outros argentinos naturalizados Enrique Guaita e Raimundo Orsi. Cf. PLACAR ESPECIAL: **A saga da Jules Rimet. A História das copas de 1930 a 1970**. Fascículo 2: 1934 Itália. Editora Abril. São Paulo, 2006 P.40-1.

<sup>54</sup> DIAS, Gustavo Monteiro. **Política e futebol: a Copa do Mundo de 1978 na Argentina**. 54 f., il. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p. 31. O autor cita: “Lá foram presas 5 mil pessoas, sendo que apenas 140 pessoas sobreviveram às torturas praticadas pelos militares. Graciela Daleo foi uma das sobreviventes e contou um pouco de sua história lá dentro. Daleo relatou que os torturadores tinham comportamentos esquizofrênicos. Uma hora estavam comemorando as vitórias da seleção com os torturados, e já em outro momento voltavam a torturá-los. No dia do título, Daleo conta que os torturadores a levaram a uma churrascaria. Ali ela conta que sabia que a vitória no futebol era dos militares, e não do povo argentino.”.

<sup>55</sup> KAPÚSCINSKI, Ryszard. **A Guerra do Futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 196.

uma possibilidade ímpar de nos mostrarmos ao mundo como uma nação civilizada, moderna e capaz de grandes conquistas e realizações.<sup>56</sup>

Em países como El Salvador e Honduras que não tinham e, ainda hoje, continuam não tendo, tradição no futebol internacional - apesar de ser o esporte preferido nos dois países - não se espera uma comoção nacional em função de três jogos - ainda mais por não serem os jogos finais da eliminatória da CONCACAF e sim uma espécie de semifinal<sup>57</sup> - como se esperaria de países tradicionais. Até por isso, chama a atenção a forma como se desenrolaram os fatos naquele mês de junho de 1969 ficando bastante evidente que se transplantou para o campo de jogo todas as outras questões que estavam indefinidas entre os dois. Não era em função do jogo em si toda excitação, mas sim em função do adversário, ou seja, aqueles vinte e dois jogadores uniformizados teriam a incumbência de “resolvê-las”. Portanto, ao contrário do futebol gerar o conflito, como o senso comum pode deduzir, foi o conflito político, já caracterizado entre os países, que exacerbou a rivalidade futebolística e potencializou seus resultados.

O primeiro jogo foi disputado no dia 8 de junho, no Estádio Nacional em Tegucigalpa. A madrugada anterior tinha sido dura para os jogadores salvadorenhos, pois passaram a noite em branco já que o hotel em que foram hospedados foi cercado por populares hondurenhos que fizeram *guerra psicológica* não deixando o time *inimigo* pregar o olho, usando para isso, todos os artifícios possíveis, que iam de pedradas na janela a rojões, de coros ofensivos a escárnios particulares. O resultado do jogo foi 1 x 0 para Honduras com gol marcado no último minuto por Roberto Cardona em cima do “morto de sono” goleiro de El Salvador. Em reação a esse gol, populares salvadorenhos saíram as ruas provocando quebradeiras em San Salvador, mas o que viraria notícia no

---

<sup>56</sup> Sobre a Copa de 1950 e os aspectos relacionados a identidade nacional na imprensa brasileira, ver FRAGA, Gerson Wasem. “**A derrota do Jeca**” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950, 2009, 398 p. Tese (História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>57</sup> As eliminatórias da CONCACAF para a Copa de 1970 - ao contrário das anteriores que davam duas vagas - teria apenas uma vaga para em disputa, uma vez que o México, por ser país sede, teria vaga assegurada. Estados Unidos, Haiti, El Salvador e Honduras obtiveram vaga nas semifinais ao vencerem seus grupos na primeira fase. Pelo chaveamento se enfrentaram EUA x Haiti (passando o Haiti), e El Salvador x Honduras (passando El Salvador). Haiti e El Salvador fizeram a disputa final em três jogos: Haiti 1 x 2 El Salvador, em Porto Príncipe, no dia 21/09; El Salvador 0 x 3 Haiti, em San Salvador, em 28/09; levando para o jogo desempate em Kingston, Jamaica, no dia 08/10, Placar de El Salvador 1 x 0 Haiti. Assim como contra Honduras, El Salvador venceu na prorrogação do terceiro jogo, desta feita, com gol de Juan Ramón Martínez, aos nove minutos do segundo tempo do tempo extra. Dados retirados da Revista Placar, que ao final do artigo sentença: “*Ninguém mereceu ir ao México mais do que El Salvador, que sobreviveu a dez jogos, duas prorrogações e uma guerra*”. Cf. **Revista Placar Especial: A saga da Jules Rimet. A História das copas de 1930 a 1970**. Fascículo 9: 1970 México. Editora Abril. São Paulo, 2006. P. 15.

dia seguinte seria a morte de uma menina salvadorenha de 18 anos chamada Amélia Bolaños, que, segundo os jornais de El Salvador “não conseguindo suportar ver seu pai posto de joelhos”<sup>58</sup>, saiu da frente da televisão em que tinha acabado de assistir à partida, buscou a arma no quarto de seu pai e tirou a própria vida.

A história, que a princípio parece um capítulo esquecido de um dramalhão mexicano de baixa qualidade, teria ampla divulgação nos jornais de El Salvador, aumentando o nível de tensão para o próximo jogo que seria na semana seguinte. A menina foi tratada como uma espécie de mártir e seu funeral foi transmitido em rede nacional com direito a bandeira nacional sobre o caixão, destacamentos do exército conduzindo o cortejo, além da ilustre presença do presidente Hernández e seus ministros. Em meio a tão nobres figuras nacionais talvez poucos tenham percebido a presença dos jogadores do selecionado nacional – que no dia anterior representava toda a nação - meio agastados seguiam mais atrás, talvez ainda lembrando-se dos vitupérios, dos cuspes na cara e toda a sorte de ofensas sofridas no aeroporto de Tegucigalpa quando embarcaram de volta para a casa.

O clima, que já não era dos melhores para o jogo de volta, teve, desta maneira, multiplicada a sua carga sentimental. Não foi surpresa para ninguém, portanto, a recepção “calorosa” para os hondurenhos. Para começar, os salvadorenhos quiseram “pagar na mesma moeda”, ou seja, os *inimigos* também não dormiram em San Salvador:

Os enfurecidos torcedores salvadorenhos quebraram as vidraças de todas as janelas do hotel, atirando para dentro dos quartos toneladas de ovos podres, ratos mortos e panos fedorentos. Os competidores foram levados ao estádio em carros de combate da Divisão Motorizada de San Salvador, o que os vingou de uma vingança sangrenta da multidão, que acompanhou o trajeto carregando fotografias da heroína nacional Amélia Bolaños.<sup>59</sup>

No estádio – que tinha o apropriado nome de Flor Blanca – as hostilidades continuaram e posteriormente também fora dele, sempre se via alguém empunhando a foto de Amélia Bolaños, revelando que a propaganda da semana tinha surtido efeito no ego nacionalista dos salvadorenhos. Após o jogo, notícias de quebra-quebra e perseguições aos cerca de sete mil hondurenhos que acompanhavam a partida no estádio seriam ignoradas pela imprensa salvadorenha, mas serviriam como o principal combustível para a propaganda anti-salvadorenha na de Honduras. As duas visões

---

<sup>58</sup> KAPÚSCINSKI Op. Cit. P.194.

<sup>59</sup> KAPÚSCINSKI Op. Cit. P.195.

distorcidas pela cobertura parcial tornam difícil saber exatamente o que ocorreu nas ruas de San Salvador naquele fatídico dia, uma vez que não haviam correspondentes internacionais para termos uma visão “neutra” dos citados casos de violência. O fato é que ocorreriam retaliações contra salvadorenhos em Honduras, algo que, na verdade, já vinha acontecendo desde o começo das expulsões e desapropriações, mas, em função do inflado ego nacionalista, se agudizaria de sobremaneira. Essas ações violentas, aliadas a aceleração das expulsões dos salvadorenhos serviriam como base para a denúncia de El Salvador contra Honduras, junto à OEA, no dia 25 de junho, por motivo de genocídio contra salvadorenhos em seu território. Honduras repele dizendo que El Salvador tem objetivos territoriais e para isso utiliza o argumento para justificar uma invasão, ao que se seguiu a ruptura de relações comerciais e diplomáticas entre os dois países.

O terceiro jogo, no dia 27, em campo neutro, no Estádio Azteca, na Cidade do México, portanto, já ocorre com as relações diplomáticas rompidas e com tropas destacadas para cuidar as fronteiras. O campo neutro em jogos desempates era regra da competição, no entanto, a escolha da Cidade do México para sediar esta partida tinha muito a ver com a segurança da torcida e dos jogadores, sendo um país com tradição diplomática na resolução de disputas políticas regionais, e especialmente por ser a sede da Copa do Mundo do ano seguinte. O governo mexicano estava empenhado em demonstrar a capacidade das suas instalações e eficiência de suas forças de segurança. A capacidade do Estádio Azteca foi limitada. Os cerca de 15 mil salvadorenhos receberam os jogadores de Honduras aos gritos de “assassinos, assassinos!”<sup>60</sup>. O resultado foi 3 x 2 para El Salvador com direito a prorrogação. No dia 29, os jogadores do selecionado salvadorenho, novos “heróis nacionais”, seriam conduzidos em carro aberto do aeroporto de San Salvador até o palácio presidencial onde Fidel Sánchez Hernández: “arengó a los futbolistas diciéndoles que su victoria representaba el arrojo, la valentía y el coraje del Pueblo salvadorenho”, coroando o papel simbólico despendido pelo futebol.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> AGOSTINO Op. Cit p.193

<sup>61</sup> BOLOGNA Op. Cit. P. 89. Fique claro novamente que a classificação conquistada contra Honduras, futebolisticamente falando, não tinha muito valor – ao menos não o suficiente para desfile em carro aberto e recepção presidencial - pois não assegurava nenhuma taça ou vaga no mundial, ela tão somente dava a classificação para a final das eliminatórias. Mas, certamente, isso pouco importava para a multidão ou mesmo para o presidente – que talvez nem soubesse os nomes dos seus “heróis” até o dia anterior –, pois a grande conquista foi simbólica: derrotar Honduras.

Mas, na verdade, fosse qual fosse o vencedor, o conflito desta vez com armas em punho e fronteiras invadidas era iminente. A campanha midiática continuou sua marcha e coube a Fidel Sánchez Hernández dar a declaração, via rádio, que selaria o início da guerra, exaltando que agora: “cabia ao povo salvadorenho a responsabilidade que a pátria exige, salvaguardar a soberania, a integração e o território nacional”.<sup>62</sup>

#### 1.4. Pós-Jogo – A Guerra entra em campo.

“Pues ningún pueblo que emerja de una guerra y se proclame victorioso merece el respeto de la humanidad”<sup>63</sup>

Após o rompimento diplomático, acontecem algumas tentativas de mediação internacional. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, instigada pelas denúncias de genocídio, visitaria os países, mas emitiria seu relatório tardiamente, no dia 23 de julho, o que demonstraria a fragilidade da ação do órgão para evitar o conflito. Os chanceleres dos vizinhos centro-americanos Costa Rica, Guatemala e Nicarágua trabalharam com uma proposta de acordo diplomático, entregando-a no dia 30 de junho, na qual constavam oito pontos, entre eles o de suprimir a propaganda intolerante e belicista nos veículos de imprensa e o de não concentrar tropas a distância inferior a cinco quilômetros da fronteira. Honduras, sabendo que militarmente estava em desvantagem, aceita os pontos postos pelos chanceleres, mas apenas em tese, pois continua com as expulsões de camponeses salvadorenhos, pressionado pelas oligarquias e pela United Fruit Co. El Salvador não aceita as condições diplomáticas e se define pelo início do confronto, mesmo, supostamente tendo o aceite de Honduras em resolver o problema migratório, razão, segundo o discurso oficial, o levaria a guerra.<sup>64</sup>

Assim, em 14 de julho, El Salvador bombardeia quatro cidades em Honduras conquistando 1600 km<sup>2</sup>. El Salvador tinha conseguido uma unidade política através da Frente de Unidade Nacional, com amplo apoio dos mais diversos grupos sociais e organizações representativas. Houve uma preparação relativa para a guerra.

---

<sup>62</sup> AGOSTINO Op. Cit. P.192.

<sup>63</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 37.

<sup>64</sup> O ponto 7 diria: “Considerar e elaborar tratado migratório centro-americano que permita a migração ordenada dos excedentes de população para regiões de menor densidade demográfica do istmo. Facilitar às pessoas que hajam abandonado seus lares, como consequência dos últimos acontecimentos, o regresso a eles”. Cf. ALEIXO, José Carlos Brandi **O Conflito El Salvador - Honduras e a Integração Centro-Americana (Conclusão)**. Revista de Ciência Política XX (3): 17-77, jul/set., 1977. P.24

Honduras, por sua parte, conseguiu organizar, na iminência da irrupção do conflito, uma Frente de Unidade Nacional, visando a defesa, o que incluía a população civil no computo dos reservistas. Dentro de suas limitações, Honduras conseguiu resistir e até mesmo teve algumas vitórias sobre os salvadorenos, especialmente em função da sua Força Aérea, que era superior.

Após 4 dias de guerra e milhares de mortos,<sup>65</sup> El Salvador teve de acolher o cessar fogo decretado pela OEA temendo as sanções econômicas, caso continuasse com os ataques. Cessar fogo aceito por Honduras.

El Salvador se nega a retirar seu exército de solo hondurenho, segundo discurso oficial, sem obter garantias para os residentes e seus bens no país vizinho. A OEA no dia 26, com a persistência salvadorenha, daria um ultimato. O relatório final, de certa maneira favorecia a ambos, uma vez que nem El Salvador foi considerado agressor, como queria o governo de Honduras, tampouco Honduras foi acusada de genocídio como queria o lado salvadorenho. Com essa decisão política, que agradava um pouco a cada um, mas de um modo geral descontentava a todos. Em 4 de agosto El Salvador retira sua última linha de frente do território hondurenho.

A guerra “interrompida” suscitaria, por parte dos dois contendores, discursos internos de vitória, mantendo assim aquecidas, por um período breve em Honduras e brevíssimo em El Salvador, as Frentes de Unidade Nacional, regada a novas demonstrações patrióticas.

Em El Salvador, os soldados são recebidos com festa no estádio Flor Blanca, para comemorar a vitória na “Guerra da Legítima Defesa”, em 6 de agosto. A inauguração de monumentos a heróis mortos e demais demonstrações de agradecimento aos militares tinha o intuito de reforçar a memória de vitória militar do exército salvadorenho e também tentar manter a unidade nacional, porém, nenhum dos objetivos é alcançado. Como resultado prático do conflito, os salvadorenos deportados continuariam a retornar ao país, a interrupção do comércio, além do bloqueio da rodovia pan-americana por parte de Honduras, prejudicando a comunicação com o sul do continente. Muito em função dos resultados, o “discurso da vitória” não teve vida longa

---

<sup>65</sup> O número de mortos é um ponto de desacordo na bibliografia que provavelmente nunca será definitivamente resolvido. Muito se deve à pouca confiabilidade das fontes oficiais, que, em função do discurso de vitória, não tinham estimativas realistas, e também das das imprensas nacionais, baseadas nas primeiras. As estimativas, baseadas em agências internacionais e observadores neutros, pela dificuldade de comunicação entre os fronts, são imprecisas, girando entre 1100 e 4000 mortos. Apenas podemos afirmar que a maioria das vítimas era de civis hondurenos.



no país, ficando posteriormente a comemoração da data da “vitória”, basicamente restrita aos quartéis.<sup>66</sup>

Já em Honduras, o nacionalismo gerado a partir de construções identitárias e medidas excludentes antes do conflito, ajudaria no reforço ao “discurso de vitória” e na manutenção da unidade política, constituída na iminência da invasão salvadorenha. Reprocessando assim o nacionalismo, fruto de elementos simbólicos de identificação frente a um inimigo externo, para uma unidade em torno de reformas para desenvolvimento nacional. O pacto da Frente de Unidade Nacional enfraqueceria na medida em que muitas das demandas não atendiam aos interesses das forças dominantes da sociedade hondurenha e seria rompido definitivamente com um novo golpe militar em 1972.

Dessa maneira, as condições que deram origem ao problema internacional se mantiveram, na sua essência, intactas. Isso demonstra que as raízes dos problemas dos países, na verdade, eram internas e não seria um conflito militar que iria resolvê-las, mesmo que um dos dois tivesse, de fato, vencido a guerra.

---

<sup>66</sup> ARGUETA, H. R. Op. Cit. P. 184-5.

## CAPÍTULO 2 – AS FRENTE DE UNIDADE NACIONAL

A fronteira fluída era uma marca nas relações entre El Salvador e Honduras. Esse aspecto se refletiria no estabelecimento de laços entre os povos: “Esta es una de las características de la convivencia entre ambos países: las familias y las propiedades abarcan ambas nacionalidades”.<sup>67</sup> Julio Escoto, afirma que: “en aquel momento, como ahora, un 40% de hondureños tenía, como tiene, parientes salvadoreños”.<sup>68</sup> Esta situação de integração era um dado concreto em 1969, da mesma maneira como os problemas que a falta de delimitação trouxe nos dois anos anteriores.<sup>69</sup> A migração salvadorenha acontecia, com constância, desde o final do século XIX, quando da implantação das companhias bananeiras, em grande medida com anuência do estado hondurenho. Veríamos o salvadorenho lutando ao lado do hondurenho nas greves camponesas de 1954, por exemplo, dentro de uma concepção de união camponesa como classe.

A estratégia da FENAGH, citada no capítulo 1, encampada pelo governo para contornar os conflitos agrários aprofundados na década de 60, seria, alterar o foco do problema: não se trataria mais de redistribuir terras improdutivas em favor dos trabalhadores rurais, mas sim, desalojar uma minoria estrangeira, “usurpadora de terras públicas”, em favor dos camponeses nacionais. Assim, substituindo um conflito de classes por um conflito entre nacionalidades.

As medidas excludentes e o discurso anti-salvadorenho lograriam êxito em dividir a sociedade hondurenha a partir do critério da nacionalidade. Uma prova disso seria a declaração da principal representação camponesa do país, a Asociación Nacional de Campesinos Hondureños (ANACH), um dia após o rompimento diplomático, onde esta pedia a aceleração das expulsões de: “todos estos guanacos que residen en el campo

---

<sup>67</sup> NUNFIO Op. Cit. P. 671.

<sup>68</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 27.

<sup>69</sup> CARIAS & SLUTSKY Op. Cit. P 74, trata o período de 67 a 69 como dois anos de “Guerra Fria”, pois ocorrem diversos problemas fronteiriços. O mais marcante seria o caso de Martinez Argueta, segundo NUNFIO Op. Cit. P.671, em 1967, o acusado pela justiça salvadorenha teria sido capturado por autoridades deste país em território hondurenho, dando margem para a renovação da discussão da delimitação precisa da fronteira, para outras ocorrências, além do fortalecimento do discurso anti-salvadorenho.

y en la ciudad (...) que para vergüenza nuestra muchos ya se creen dueños y señores de Honduras”.<sup>70</sup>

A utilização das mídias nacionais como meios de propagação dos discursos seria essencial na criação da cultura de guerra em ambos os países. A difusão da informação se dava a partir dos jornais e das rádios, uma vez que não havia grande quantidade de televisores no país em 1969. Como em Honduras mais de 77% da população vivia no campo e 53% do total era analfabeta, enquanto em El Salvador essa relação era de 60% e 51%<sup>71</sup>, respectivamente, a transmissão verbal do noticiário nas aldeias e a radiodifusão ganham importância, dessa maneira as rádios funcionariam como órgãos oficiais, muitas vezes se abstendo de transmitir a verdade dos fatos:

Durante los días más graves del conflicto, originados por la guerra, tanto YSS, la radio nacional salvadoreña, como HRN, la hondureña, transmitieran diversas mensajes através de una cadena nacional, com noticias, cometarios, exaltaciones, amenazas, insultos y mui pocas veces análisis sérios de la situación. Éste fue un elemento esencial para lograr la unidad nacional en sus respectivos países.<sup>72</sup>

A falta de correspondentes internacionais de imprensa nos dois países ajuda a explicar a falta de informações imparciais e não distorcidas pelos discursos nacionalistas. O correspondente polonês Ryzard Kapúscinsky, que chegara a Tegucigalpa no dia do primeiro ataque salvadorenho e se vangloriaria de, ao ser o único correspondente internacional no país, dar a notícia do ataque em primeira mão ao mundo, recorda que: “os jornais de ambos os lados da fronteira travavam uma campanha de ódio, calúnias e provocações. Chamavam-se, mutuamente, de nazistas, pigmeus, bêbados, sádicos, bichos peçonhentos, provocadores, ladrões, etc.”.<sup>73</sup>

Esta campanha de provocação estava orientada e fomentada pelos respectivos governos. Diversos organismos internacionais denunciam o caráter estratégico e destabilizador das relações entre os países dos meios de comunicação:

Este hecho lo denunciaron los cancilleres de Guatemala, Nicaragua y Costa Rica (Punto 3), los Episcopados de los países, la Comisión Interamericana de Consulta de Derechos Humanos (Recomendación 1), organo de Consulta de la O.E.A. (Resolución 4), el Presidente de Colômbia, de Venezuela, etc.<sup>74</sup>

<sup>70</sup> Periódico hondurenho La Prensa, 27/6/1969, P. 14. “ANACH pide expulsión de los salvadoreños indocumentados”. Apud PÉREZ PINEDA 2012, Op. Cit. P. 240.

<sup>71</sup> BOLOGNA Op. Cit. P. 10-11.

<sup>72</sup> NUNFIO Op. Cit. P. 676.

<sup>73</sup> KAPÚSCINSKY Op. Cit. P. 221.

<sup>74</sup> BOLOGNA, Op. Cit. P. 89.

No caso hondurenho, a Asociación de Prensa Hondureña (APH), coloca ao General López Arellano oficialmente sua posição de: “franco, leal e irrestricto apoyo sea cual fuere el camino que escoja para solucionar esta crisis”.<sup>75</sup> Em El Salvador, Pérez Pineda descreve o papel da opinião pública:

El poder comunicativo no fue, sin embargo, ejercido por esa opinión pública sino por las estructuras que controlaban la comunicación en el espacio público. Aunque el “mandato” de la opinión pública “mandó” muy poco en términos políticos reales, se convirtió en referencia constante del discurso legitimador de la “Cruzada de la Dignidad Nacional”.<sup>76</sup>

A busca por apoio popular seria, portanto, experiência nova nos estados oligárquicos com pouca tradição democrática, onde a opinião popular ficava, no máximo, dentro da oposição tolerada. A necessidade de adesão geral, na iminência do conflito, para a formação da retaguarda interna funcionou por meio da difusão do discurso oficial nos veículos de comunicação, com estratégias diferentes de convencimento e cooptação de apoios em ambos os países, como veremos a seguir.

## **2.1. Honduras – Unidade política e a propagação do discurso anti-salvadorenho.**

“En esos días la acusación de ser salvadoreño era la ofensa más grave que un hondureño podía recibir y comerciar con El Salvador era el peor delito que podía cometerse”.<sup>77</sup>

O General Oswaldo López Arellano ascende ao poder em 1963, após um sangrento golpe de estado, com apoio das Forças Armadas, tomando o poder das mãos de Ramón Villeda Morales, do Partido Liberal.<sup>78</sup> Em 1965, é eleito para o cargo que já estava ocupando, pelo Partido Nacional. Na política hondurenha, dois partidos, o Liberal e o Nacional disputavam a hegemonia, mas como eram partidos caudilhistas, sem programas definidos, o jogo de poder era exercido de acordo com a acomodação das forças políticas hegemônicas e seus interesses. Arellano enfrentava em 1969, segundo Gerstein (1971), dois problemas graves: o político e o agrário. Em relação ao primeiro:

<sup>75</sup> Periódico hondurenho El Día, 3/7/1969, Capa, “Pronunciamiento de la Asociación de Prensa Hondureña. Trescientos mil salvadoreños residen en nuestro territorio gozando de garantías”. Apud. PÉREZ PINEDA 2012, Op. Cit. P.269.

<sup>76</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 146.

<sup>77</sup> Periódico hondurenho La Prensa 20/08/1969, P.7. Rafael Leiva Vivas, “Somos producto del ambiente”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 249.

<sup>78</sup> CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 68.

En el año anterior al conflicto con El Salvador la oposición creció en fuerza y en cohesión; se registra la huelga de la Costa Norte contra los nuevos impuestos al consumo, en septiembre de 1968; estalla la huelga de maestros y estudiantes universitarios, que finaliza al comenzar la guerra con El Salvador y se nota una marcada pérdida de influencia, por parte del gobierno, en los colegios profesionales, la Universidad y los sectores empresarial y obrero de la Costa Norte.<sup>79</sup>

A principios de 1969 o importante “sindicato bananeiro”, Federación Sindical de Trabajadores Norteños de Honduras (FESINTRANH), fez conhecer sua oposição ao governo de Arellano, e sua intenção de fundar um partido com ênfase no trabalhismo, que poderia quebrar a tradicional dicotomia liberal-nacional no país.<sup>80</sup>

Algumas medidas excludentes e de caráter nacionalista antecederam a crise com El Salvador, legitimando a drástica mudança da política relacionada a El Salvador, melhorando substancialmente a posição política de López Arellano com setores chaves. Ainda em 1968, por exemplo, lança medidas protecionistas, que estimulam o consumo de produtos nacionais, agradando o setor industrial que ajudaria na campanha em prol dos produtos nacionais e contra, especialmente, os produtos de origem salvadorenha.<sup>81</sup> Um aviso publicado no *La Industria*, veículo de comunicação dos industriais dizia: “Señor consumidor: Al consumir los productos nacionales usted está protegiendo el empleo de sus compatriotas”, ao que se seguiu a circulação de panfletos “anônimos”, mais diretos: “COMPATRIOTA. Únete al Boicot: no consumas productos hechos en El Salvador. He aquí algunos de ellos...”.<sup>82</sup>

Setores ligados à oposição e movimentos sociais desde 1968 protagonizaram greves e manifestações, o que estaria dentro da normalidade política, dentro da oposição tolerada em Honduras, mas seria diferente quando se tornasse necessária a coesão

---

<sup>79</sup> GERSTEIN Op. Cit. P.554.

<sup>80</sup> CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 328.

<sup>81</sup> Conforme BOLOGNA, Op. Cit. P. 56, a porcentagem de importações de manufaturados feita por Honduras tinha os Estados Unidos com 48% do total e depois El Salvador com apenas 12%. A estranheza pela fixação da propaganda dos industriais nos produtos salvadorenhos pode ser desfeita por dois motivos: 1) Os manufaturados de El Salvador, fundamentalmente tradicionais, competiam diretamente com os hondurenhos, e em função das isenções do MCCA e da maior competitividade dos produtos salvadorenhos, estes sobrepjavam os nacionais. 2) A campanha anti-salvadorenha na imprensa tornava muito mais fácil o convencimento da população em favorecer a indústria nacional, se para isso prejudicasse El Salvador.

<sup>82</sup> BOLOGNA Op. Cit. P. 58. Os produtos citados no panfleto: “Margarina Mirasol, Zapatos Adoc, Telas La Estrella, Frazadas Caribe, Confites Delicia, Machetes Corneta, Toallas Hilasal, Fósforos Caballo Negro, Cemento Cessa, Detergente Rinso”. Ainda deixando margem para que se o leitor soubesse de outros, abstivesse-se de comprá-los.

política nacional em torno da defesa do país, como veremos adiante. A troca de apoio na crise com El Salvador pela promessa feita por López Arellano de não concorrer à reeleição em 1971, trouxe apoio de setores oposicionistas.

Assegurándose de que no sería reelecto el Presidente López Arellano, el Partido Liberal y la FESINTRANH apoyan al Gobierno em el Frente de Unidad Nacional para la defensa del país. De esta manera el Gobierno logro antes del conflicto el prestigio que había perdido em los colegios profesionales y em la universidad y, lo que es muy importante, em el setor empresarial y obrero de la costa norte del país.<sup>83</sup>

O problema agrário, como vimos no capítulo 1, seria rearranjado com a reforma agrária, que visava expulsar os salvadorenhos, agradar aos latifundiários e as empresas estadunidenses da costa norte e, com a propaganda correta, trazer apoio popular ao projeto.

Tão importante quanto o discurso oficial seria a propagação do mesmo na mídia hondurenha, aproveitando o poder governamental e a influência de setores ligados aos latifundiários junto aos órgãos de imprensa do país. O discurso anti-salvadorenho que legitimaria as ações violentas após, especialmente o segundo jogo da série em San Salvador, no dia 15 de junho, estaria fortemente influenciado pela difusão de um relato grosseiramente distorcido dos acontecimentos ocorridos na capital salvadorenha. Mas esse relato não teria tido a repercussão que teve na sociedade sem a prévia construção da imagem do salvadorenho, fruto em grande medida, das políticas excludentes de Arellano que mostravam os imigrantes salvadorenhos como os grandes responsáveis pelos problemas sociais de Honduras. A estereotipação dos salvadorenhos, aqueles “allende el Goascorán”,<sup>84</sup> na imprensa foi a matéria prima principal para a cultura de guerra: “El ‘outro’ fue definido negativamente a partir del ‘nosotros’ em un ejercicio persistente de auto identificación frente a un enemigo cuya proximidad física y semejanza cultural planteaba no pocas dificultades a la construcción discursiva de su ‘otredad’”<sup>85</sup>

A complexa tarefa de construção de identidades nacionais foi simplificada na imprensa hondurenha em acusações preconceituosas aos salvadorenhos e exortações das supostas qualidades inatas dos hondurenhos. O salvadorenho era apresentado como um

<sup>83</sup> BOLOGNA. Op. Cit. P. 59.

<sup>84</sup> Expressão recorrente, que se referia a aqueles provenientes do outro lado do Rio Goascorán, que servia como fronteira natural entre os dois países.

<sup>85</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 225.

desleal competidor dos recursos naturais, por direito dos hondurenhos, um aproveitador, um corruptor. Por outro lado, o povo hondurenho era tratado por serviçal, humano, de amplo coração, e em função disso, mais propício a ser corrompido pelos salvadorenhos. Em função disso, deveria se tomar atitudes: “para evitar la infiltración de tantos individuos, criminales y de malas costumbres, que han venido a corromper a nuestra juventud y en general a todo el pueblo catracho”.<sup>86</sup> O contraste do *nós* “ingênuos e de boa fé” e do *outro* “aproveitador e mal caráter”, propiciou uma: “invasión pacífica y la apropiación por los infiltrados de excelentes tierras ejidales y privadas, aprovechándose, a través de argucias y juego sucio, del fruto que pertenecía exclusivamente a los “hondureños naturales”.<sup>87</sup> Ou seja, a ingenuidade dos hondurenhos foi utilizada para lhes usurpar aquilo que lhes era por direito: As terras que pertenciam a eles – ou poderiam/deveriam, em tese, lhes pertencer – e se não o eram naquele momento, em nada tinha a ver com a distribuição desigual de terras com os latifundiários e empresas estrangeiras, mas apenas e tão somente à presença dos corruptores salvadorenhos em solo nacional.<sup>88</sup>

A ideia de que os salvadorenhos eram criminosos empedernidos estava sempre presente nas entrelinhas, mas muitas vezes ocupava as linhas em letras garrafais nas capas dos jornais: “(...), la inmensa mayoría de los salvadoreños que llegan a nuestro país son pobres, inclinados a la delincuencia, algunos, y otros, delincuentes contumaces”.<sup>89</sup> O *El Cronista* diria na capa, em um artigo intitulado “Mucho cuidado con la Quinta Columna guanaca”, que não duvidava que existissem salvadorenhos decentes, no entanto, não podia assegurar que a cifra chegasse a um por cento dos residentes.<sup>90</sup> Se os homens salvadorenhos eram bandidos contumazes, as salvadorenhas

---

<sup>86</sup> El Día 12/07/1969. P.3 Jacinto Octavio Durón, “No hay que poner más el lomo”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 229.

<sup>87</sup> El Día 7/7/1969, “El espacio vital salvadoreño es puro mito”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 230.

<sup>88</sup> A própria forma como as desapropriações eram noticiadas, já denunciava o intuito dos jornais em criar um estado de ânimo propício à nova política do governo. Por exemplo, o *El Cronista* de 17 de junho estamparia na primeira página: “Limpieza de salvadoreños en diez poblados de Yoro”. Cf. GERSTEIN Op. Cit. P. 563.

<sup>89</sup> La Prensa 25/06/2016, Capa, Pompeyo Melara, “El partido de fútbol y las relaciones económicas”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 230.

<sup>90</sup> El Cronista 18/7/1969, Capa, “Mucho cuidado con la Quinta Columna guanaca”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 251.

eram prostitutas, vistas dentro da campanha de boicote, como mais um produto de má qualidade exportado por El Salvador.<sup>91</sup>

Em relação aos bens dos salvadorenhos procederem de atividades criminosas – o que em tese justificaria os ataques de civis a comércios e casas de “guanacos”, bem como a sua expulsão do país, conforme havia sido processado pelo governo:

Casi todos los hondureños sabemos como los adquiere la inmensa mayoría de los guanacos que llegan a Honduras: por la invasión de predios ajenos, el crimen, el robo, el despojo, el asesinato y toda la gama del espectro delictivo. Hablar de bienes al referirse a esta gente, es hacer la más horrible befa de la miseria humana; es agregar al hambre, el escarnio.<sup>92</sup>

A dificuldade de identificação do salvadorengo, pelas semelhanças físicas e culturais que compartilhavam com os hondurenhos, que, em tese, poderia ser um grande problema nesta construção de identidades, uma vez que esta se alimentava das diferenças, se valeria do artifício de uma lendária “quinta coluna” salvadorenga em Honduras. A existência dessa hipotética quinta coluna partia do conceito de que muitos salvadorenhos em Honduras na verdade foram premeditadamente infiltrados no país, na forma de uma “invasão pacífica” com intuito de funcionar como agentes do estado salvadorengo em solo hondurengo, e muitos se aproveitariam das semelhanças e agiriam como hondurenhos disfarçadamente, trabalhando assim como espões, sabotadores e quando ocorresse uma invasão militar, estes se tornariam retaguarda dos soldados, tomando as cidades a partir do seu interior.

Esta relação “quintacolunista” – que já se mostrava antes dos jogos das seleções, ainda durante o começo das expulsões de salvadorenhos pelo INA, em abril<sup>93</sup> – estava expressa desde as mais altas cúpulas, como o próprio presidente Arellano, dizendo que havia em seu país: “(...) grandes contingentes de civiles salvadoreños, destinados a secundar en nuestra retaguardia, eventualmente, cualquier ataque frontal que emprendieron las fuerzas regulares de El Salvador”.<sup>94</sup> Já a imprensa dava como fato

---

<sup>91</sup> Conforme carta de leitor no La Prensa 17/6/1969, P.3, “Cartas vienen... cartas van...”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 231.

<sup>92</sup> La Prensa 29/8/1969, P.7, Pompeyo Melara, “Los fundamentos de la Paz”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 230.

<sup>93</sup> O diário El Cronista de 24 de abril, explica que o INA tinha começado o despejo dos “infiltrados”, “por los catorce señores feudalistas que rigen la nación allende el Goascorán”, iniciando assim “la contra-ofensiva a la quinta columna guanaca”. Cf. PÉREZ PINEDA 2012, Op. Cit. P. 251.

<sup>94</sup> La Prensa 9/8/1969, P.6 Rafael Leiva Vivas, “O.L.A. informó al pueblo hondureño sobre rescate dignidad nacional”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 251.



consumado tal possibilidade: “(...) muchos de los que integran la quinta columna han osado levantar la mano criminal, atendiendo el llamado del gobierno salvadoreño”.<sup>95</sup>

Os jornais iriam mais longe nas semanas que antecederam ao conflito, pedindo aos seus leitores que delatassem possíveis quintacolunas infiltrados em cargos públicos aos jornais ou autoridades, o jornal *El Pueblo* publicaria com destaque na primeira página o nome e salário de três servidores do Ministério de Comunicações e Obras Públicas, como possíveis salvadoreños infiltrados.<sup>96</sup>

A profundidade social da história se mostraria pelo seu alcance, pois mesmo históricos opositoristas e democratas como o ex-presidente Morales e os estudantes universitários de esquerda da Federación de Estudiantes Universitarios (FEUH), confiavam na veracidade da lenda dos quintacolunistas, mesmo após o conflito.

Em face do exposto, não surpreende o tom do diretor do INA, Sandoval Rigoberto, responsável pelo cumprimento da “Reforma Agrária” em entrevista para a matéria intitulada “18 aldeas seran limpiadas de Guanacos en Yoro”, para o *El Cronista*, em 18 de junho, ao se referir às expulsões de salvadoreños como: “una nueva limpieza de campesinos salvadoreños infiltrados en territorio nacional”. Prometendo que em breve mais aldeias seriam: “saneadas en Yoro de usurpadores extranos de nuestras tierras”.<sup>97</sup>

O discurso inflamado contra a minoria salvadoreña se somaria ao noticiário distorcido em relação aos fatos ocorridos após o segundo jogo em San Salvador e teria efeito decisivo no chauvinismo nacionalista dos hondureños, estimulando alguns civis a cometer ataques a comércios e propriedades de salvadoreños – ou mesmo de comerciantes que negociavam com El Salvador – acelerando o processo de expulsão dos camponeses, e mesmo alguns comerciantes salvadoreños, normalmente com apoio da Mancha Brava e colaboração e/ou conivência do CES (Cuerpo Especial de Seguridad):<sup>98</sup>

<sup>95</sup> El Dia, 26/7/1969, “El reto de un enemigo implacable”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 250.

<sup>96</sup> El Pueblo, 12/7/1969, Capa, “Salvadoreños ocupan puestos importantes en comunicaciones”. Apud PÉREZ PINEDA, 2012 Op. Cit. P. 254.

<sup>97</sup> CARÍAS & SLUTSKY. Op. Cit. P. 293.

<sup>98</sup> Após a Revolução Cubana de 1959, os corpos de segurança centro-americanos, sob auspícios estadunidenses, são treinados para combater a contra-insurgência interna, algo, na verdade, já comum no controle destes Estados. Em Honduras, além ds forças armadas, havia o CES como aparelho repressor do Estado e a Mancha Brava como grupo paramilitar auxiliar, especialmente para contornar tensões privadas no campo. Em El Salvador a Guarda Nacional funcionaria como corpo repressor juntamente com a Polícia Nacional. O grupo paramilitar denominado Organización Democrática Nacionalista (ORDEN) começaria a atuar em 1968, sob a orientação do então comandante da Guarda Nacional, Coronel

De manera que la propaganda penetra en la intimidad de aquellos individuos que mantenían sentimientos recónditos de hostilidad y se manifestó la serie de prejuicios contra grupos minoritarios, como el de los salvadoreños residentes.<sup>99</sup>

Diante da campanha anti-salvadorenha, da crescente desumanização destes na opinião pública hondurenha acontece a naturalização da violência contra salvadorenhos, embora a real situação de violência fosse omitida da população, uma vez que a imprensa não noticiaria os casos de violência em função da nacionalidade, salvo quando hondurenhos eram “confundidos” com salvadorenhos.<sup>100</sup>

As expulsões em massa chamam a atenção e lançam o alerta em El Salvador, acarretando na denúncia junto a OEA, no dia 25 de junho, e o rompimento de relações diplomáticas. Porém, Arellano negaria veementemente as acusações, dizendo que o ocorrido aos salvadorenhos: “No era grave y que le habia sido imposible detener a un pueblo indignado por los vejámenes sufridos por hombres y mujeres em El Salvador, después del juego em Flor Blanca”.<sup>101</sup> Como veremos a seguir, a partir do rompimento diplomático entre os países, a mobilização nacional, fruto de uma conciliação entre os diversos setores da sociedade, trabalharia diretamente no esforço de guerra, em um dos aspectos mais relevantes no estudo do conflito: a mobilização da população hondurenha em torno da guerra a partir do voluntariado.

### **2.1.1. Mobilização popular na iminência da invasão.**

Se a congregação política entre os dois partidos dominantes estava acertada, as medidas excludentes tinham a aceitação dos diversos setores representativos da sociedade, bem como a propagação da campanha anti-salvadorenha tinha efeitos, López Arellano teve

---

Medrano, e atuaria contendo manifestações na cidade e no campo. Cf. SLUTZKY, Daniel y ALONSO, Esther. **Política exterior norteamericana em El Salvador y Centroamerica (1960-70)**. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. P. 8-10.

<sup>99</sup> NUNFIO Op. Cit. P. 673.

<sup>100</sup> Como o caso de Wilberto Miranda, que relata “que había sido víctima de una violenta agresión cuando pasaba ante un grupo de personas que saqueaban un negocio salvadoreño y un fragmento de vidrio cayó sobre su cabeza produciéndole una herida sangrante. Un grupo de soldados que se encontraba en el lugar procedió a agredirlo, al verlo sangrar, golpeándolo con las culatas de sus fusiles. El señor Miranda recibió múltiples golpes que le causaron nuevas heridas con pérdida de sangre hasta que una señora detuvo la agresión de los soldados diciéndoles que Miranda era hondureño”. Cf. La Prensa 24/6/1969, P.24 “Soldados lo golpearon aún viéndolo herido” Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 244. Além de demonstrar a participação militar nas ações, mostra que o que o “identificou” como salvadoreño foi o fato de estar sangrando em meio ao ataque.

<sup>101</sup> NUNFIO Op. Cit. P. 674.

de lidar com resquícios de oposição às vésperas do conflito. Ainda dentro do levante que se estendia desde 1968, com ocupações de terra e greves de diversos setores laborais:

Hasta el momento de la guerra, la sociedad hondureña se encontraba dividida por conflictos internos de gran explosividad como las ocupaciones de tierra por campesinos que demandaban un acceso más justo a ese recurso y la huelga de maestros de educación primaria organizados en el Colegio Profesional Superación Magisterial Hondureña (COLPROSUMAH), apoyada por estudiantes universitarios y padres de familia.<sup>102</sup>

O tema da unidade nacional assumiu importância nos meios de comunicação após o rompimento de relações entre os governos. A pacificação da sociedade e união em torno da defesa ante um iminente ataque salvadorenho teria de abrandar ânimos, uma vez que a repressão à greve, como sempre ocorria, foi violenta, utilizando o Cuerpo Especial de Seguridad (CES) para desalojar e prender alguns grevistas. O jornal *El Dia* faz um chamamento à unidade nacional, pedindo que os manifestantes – cerca de seis mil professores em greve, três mil estudantes universitários que os apoiavam, além de outros milhares de pais e alunos secundaristas – e governo resolvessem as divergências para chegar a um acordo em prol da frente de unidade para enfrentar os salvadorenhos.<sup>103</sup> Por parte do governo, após reuniões com o representante da FEUH, Ubense Osorio Galo, o governo decide libertar no dia 24 de junho os professores grevistas presos<sup>104</sup>; da parte dos estudantes, a FEUH informava, no dia 30, que suspendia a greve geral em apoio a COLPROSUMAH, uma vez resolvido o conflito entre os professores e o governo.<sup>105</sup> Concomitantemente a federação estudantil, de extrema-esquerda, lança manifesto: “llamando a la unidad nacional y evocando la común responsabilidad de pueblo y gobierno”.<sup>106</sup>

Chamamentos à defesa da soberania da pátria passariam a dar o tom dos comunicados públicos. No dia 27 de junho, o presidente López Arellano, aproveita a calma após o fim da greve dos professores e convoca as “forças vivas da nação” para reunião na casa presidencial. Participariam mais de 40 organizações civis, representando

<sup>102</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 260.

<sup>103</sup> El Dia 26/6/1969, “La Unidad Nacional es necesaria”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 261.

<sup>104</sup> La Prensa 25/6/1969, Capa, “Maestros detenidos puestos en libertad”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 261.

<sup>105</sup> El Dia 1/7/1969, Capa, “Federación Universitaria ha suspendido la huelga general.”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 261.

<sup>106</sup> GERSTEIN Op. Cit. P. 555. Os estudantes de medicina, dentro do esforço civil de defesa, trabalhariam no front. História contada com detalhes em: WILLIAMS, Carlos Rivera. **Cuarenta años después: el papel del Colegio Médico em la guerra de 1969 entre Honduras y El Salvador**. Revista Medicina Hondureña jul/sept. 2009. P. 128-144.

os mais diversos setores da sociedade. Na ocasião, Arellano mentiria sobre as expulsões, dizendo que apenas 45 salvadorenhos foram expulsos e mais de 10 mil saíram “por conta própria”. Após receber o apoio, faz proclamação em cadeia nacional pedindo a cada hondurenho: “estar dispuesto a cumplir las responsabilidades que la Patria le demande, en la seguridad de que los Poderes Públicos coinciden con vuestro propósito de salvaguardar a toda costa la soberanía, la integridad territorial y el honor de la Nación”.<sup>107</sup> Por sua parte, os setores saíram da reunião e fundaram o Comitê Cívico Pró Defesa Nacional.<sup>108</sup>

A organização cívica serviria como reforço institucional em função da desorganização e má preparação das forças armadas hondurenhas, fruto de continuada corrupção nos gastos a ela destinados, como visto mais claramente ao começarem os ataques:

Al segundo día de la contienda arribaron noticias desastrosas: al ordenársele al comandante de Santa Rosa de Copán que movilizara sus mil hombres a la frontera se descubrió, vergonzosamente, que sólo contaba con unos 300, el resto eran fantasmas en planilla.<sup>109</sup>

A prova da precariedade do exército se mostraria na determinação do comando central do CES para delegados e subdelegados locais, no dia 12 de julho, orientando a formação de brigadas de civis sem restrições de idade e sexo. Mas ao que parece não seria fornecido armamento, pois se sugeria que estes tivessem liberdade de usar os próprios:

1, Abóquese a la mayor brevedad posible con el alcalde municipal de su jurisdicción para que con la colaboración de las demás autoridades y fuerzas vivas del lugar organicen con personal civil, brigadas para mantener el orden y garantizar la ciudadanía y propiedades. 2, escoger para tal fin ciudadanos de cualquier edad y sexo. 3, permitir a todo ciudadano de reconocida honradez la portación de sus armas para que su colaboración sea más efectiva (...).<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> El Pueblo, 30/6/1969, Capa, “Mensaje del señor Presidente de la República al pueblo de Honduras”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 265.

<sup>108</sup> Além do aspecto prático de ajuda na defesa nacional, o Comitê simbolizaria a unidade nacional hondurenha. Com sede na capital, com 18 comitês departamentais e ainda entre 260 e 280 municipais abaixo na organização em todo território. Dada a escassez de funcionários do governo, assim como militares, se fazia ênfase em que as constituições desses comitês ficassem restritas ao âmbito privado às “forças vivas” para que não houvesse prejuízo nos serviços públicos (fica implícito) já deficitários. Cf PÉREZ PINEDA 2014 Op. Cit. P. 127-9.

<sup>109</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 24.

<sup>110</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 297.

“La compañía de hierro cumple años hoy!”, “La compañía de Hierro cumple años hoy!”. A frase repetida à exaustão ao iniciar a invasão salvadorenha, em 14 de julho, nas rádios hondurenhas, segundo Julio Escoto, serviria para convocar os reservistas: “la reserva fue convocada mediante cierta clave radial que hasta el día de hoy persiste atormentándonos los tímpanos”.<sup>111</sup> Ao convocar a reserva para as fileiras, López Arellano, esvazia as cidades de serviços públicos de primeira necessidade, relegando aos comitês cívicos os serviços de vigilância das cidades e aldeias:

De esa forma quedaron las ciudades despojadas en absoluto de guardias, policías, agentes de aduana, tránsito, hacienda e investigación, pues todos fueron incorporados a batallones y urgentemente trasladados a los frentes. El manejo del tránsito vial quedó en manos de Boy Scouts; secretarias y enfermeras jubiladas pasaron a laborar plantas de teléfono, emergencia y hospitales.<sup>112</sup>

(...)

Y como el pueblo había ocupado las ciudades y no había a la vista autoridad, uniformes, policías ni soldados, pareció alumbrar sobre las gentes una fresca concepción de país más igualitaria, ajena a divisiones artificiales, especie de República de Platón que el gobierno se interesó bien pronto en neutralizar y disolver apenas concluida la guerra.<sup>113</sup>

Os jornais exaltariam o papel que deveria ser exercido pelos civis, especialmente os fronteiriços: “defender sus hogares, piedra por piedra, ante una posible irrupción de las quinta columnas cuscatlecas”.<sup>114</sup> O voluntariado arregimentaria os mais variados setores da sociedade, ao norte do país, em San Pedro Sula, se formam, por exemplo, as “Patrullas Universitarias”, seguindo orientação da FEUH. Essa patrulha se diferenciava por usar no braço esquerdo uma pulseira de pano com as iniciais “P.U”.<sup>115</sup> Mesmo o Partido Comunista Hondurenho (PCH) – bem menor e menos influente que o salvadorenho e que estava na ilegalidade desde o golpe de 1963 – declinaría por sugerir a adesão dos correligionários aos comitês cívicos: “ya que en ellos estaría representado el pueblo hondureño y era necesaria nuestra presencia para fortalecer aquella instancia popular”.<sup>116</sup> Embora se somasse ao corpo civil, o partido não compactuava com as

---

<sup>111</sup> ESCOTO Op. Cit P. 27.

<sup>112</sup> Idem. P. 26.

<sup>113</sup> Ibidem Op. Cit. P. 34.

<sup>114</sup> El Día, 5/7/1969, “La suerte está echada”. Apud PÉREZ PINEDA Op. Cit. P.280.

<sup>115</sup> La Prensa 2/8/1969, p.3 “Anomalías deben reportarse. Patrullas Universitarias piden cooperación de ciudadanía”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.292.

<sup>116</sup> RUSH, Rigoberto Padilla. **Memorias de un Comunista**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2001. P. 286.

agressões aos salvadorenhos residentes.<sup>117</sup> Assim como o PCS em El Salvador, a posição do PCH seria criticada pela esquerda após o conflito. O dirigente Padilla Rush responderia em sua biografia:

(...) el conflicto de julio de 1969 no era una guerra interimperialista, sino una agresión de un gobierno oligárquico contra otro, con la finalidad de imponerle su propia política, ajena tanto a los intereses del pueblo salvadoreño como del hondureño, por lo que ante la amenaza de desmembramiento del territorio nacional, el pueblo hondureño se irguió para su defensa y los comunistas debían estar junto a él para orientarlo.<sup>118</sup>

Muitas patrulhas se formavam em grupos comunitário para vigiar pequenos bairros:

A caer la noche los vecinos fuimos convocados para constituirnos en Comités de Defensa Civil y uno tras otro desfilamos en oscuras al centro comunal, de donde horas más tarde saldríamos convertidos en “vigilantes” de la colonia, es decir del reparto residencial, cuyos límites celosamente guardaríamos contra el enemigo Pipil, que tal es la etnia mayoritaria de El Salvador. En esos momentos tanto “guanaco” como “pipil” eran ya términos de lo más despectivo y grosero.<sup>119</sup>

Colaboraria para o estado de plena atenção das patrulhas de bairro, que se espalharam por cada aldeia do país, os inúmeros rumores alimentados pela imprensa, dando conta de grupos de “quinta colunas” prestes a atacar. Por todo o país, civis empoderados cumpriam turnos de vigilância com rotinas análogas à de Germán Reyes:

En mi barrio, de unas diez casas, cinco por hilera, y dos barracones, las rondas nocturnas eran de seis horas. Mientras los hombres, incluidos menores de edad, hacían su ronda, provistos de linternas, pistolas, uno que otro rifle de cacería, machetes, palos, y lazos, entre otros pertrechos, las mujeres preparaban café con pan y ‘puntalitos’ (comida) para sus ‘soldados’. No recuerdo cuántos días duró la ronda, pero sí haber sentido alguna satisfacción porque una pulpería fuerte propiedad de una salvadoreña a pocos metros del Instituto ‘El Progreso’ fue saqueada e incendiada. Varios estudiantes éramos clientes de la pulpería. Aquella satisfacción se derivó de algunas versiones que trascendieron en El Progreso, en el sentido de que la propietaria, el día del partido de vuelta entre Honduras y El Salvador, estuvo gritando en contra de los hondureños en el Estadio Flor Blanca.<sup>120</sup>

A violência naturalizada, como no exemplo de Reyes, onde a salvadorenha, conhecida por todos na cidade, tem seu comércio atacado, simplesmente por um rumor

<sup>117</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 283 faz essa referência com base no documento com a posição do partido. “Declaración del Partido Comunista de Honduras en relación con la situación política general del país”, Archivo Nacional de Honduras: Fondo Republicano, siglo XX.”

<sup>118</sup> RUSH, Op. Cit. P.287.

<sup>119</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 22.

<sup>120</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 2.

descabido, teria em outros cenários um fim mais prático. A violência no campo seria um retrato da fragmentação e dispersão do poder por um espaço territorial desarticulado, onde cacicados locais viram na observação do artigo 68 da lei de reforma agrária a oportunidade de lograr benefício próprio nas ações violentas anti-salvadoreños.

Aparentemente las iniciativas locales de violencia coactiva contra los salvadoreños fueron numerosas y en ellas participaron grupos e individuos que no eran agentes directos del Estado, como los miembros de la Mancha Brava y algunos vecinos del lugar, junto a otros que si lo eran, -agentes del CES, militares, cabos cantonales, alcaldes-, instigados frecuentemente por los poderosos del lugar.<sup>121</sup>

De toda maneira, a repressão certamente alterou as relações sociais em muitas localidades, dividindo-as em duas, dissolvendo velhas solidariedades entre vizinhos, amigos, compadres de longa data. Nelas viviam muitos salvadoreños integrados à comunidade, muitos com famílias hondureñas constituídas. No entanto, diante do anti-salvadorismo, acabavam correndo o risco de perder suas terras, expulsos pelo governo ou mesmo por outros proprietários interessados em suas propriedades. Essa complexa construção de identidades coletivas nacionais, tendo uma minoria salvadoreña já há muito tempo presente e integrada ao país, originaria algumas situações insólitas – sobretudo com o poder policial legado a civis durante o conflito – como a narrada a seguir:

Quinta columna. Los patriotas alumnos de la Escuela Nacional de Agricultura y del Instituto ‘18 de Noviembre’ de Catacamas, Olancho, junto a unos enfebrecidos vecinos, venían – en la guerra del futbol – que no cabían en ellos por su trofeo en esa guerra: un peligroso quinta-columna pipil infiltrado, en el país, cumpliendo las ordenes secretas de su jefe militar salvadoreño, un tal ‘Chele’ Medrano. Una mujer de la aldea El Venado cuchicheaba, con el temor reflejado en el tic de ver para uno y otro lado, que el salvadoreño don Marcial Sibrián Sorto ‘era su compadre, que tenía sesenta años de vivir en aquellas tierras’. El encorvado octogenario iba entelerido por el lazo enterrado en la flácida musculatura, con las manos moradas y los brazos amarrados hacia atrás, anudados a la altura de los codos. Como todo viejo, conocedor de los altibajos de la vida humana, no podía sonrojarse ante aquel circo de fieras lunáticas, pero sí, al pasear la mirada por el imberbe rostro de sus captores y curiosos, daba unos quejidos profundos desde sus ochenta años, como los que sueltan los venerables del concilio de ancianos cuando sienten lástima del corro de ignorantes.<sup>122</sup>

O aspecto voluntário do front hondureño, que além das brigadas de vigilância se mostraria com doações e declarações de apoio provenientes de todos os estratos

<sup>121</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 322.

<sup>122</sup> ESCOTO Op. Cit. P. 22.

sociais, e mesmo com o uso de civis sem preparação no front de batalha, seria a marca mais forte do conflito na memória social posterior em Honduras. Mas embora parte da população tenha cometido ações violentas contra salvadorenhos - e provavelmente a maior parte, mesmo não participado diretamente, as aprovava - ao redor do país, muitas localidades pouco foram afetadas pela onda anti-salvadorenha, mantendo as relações sociais construídas anteriormente, em maior ou menor grau, pouco afetadas. Portanto, não se pode generalizar a violência a todos os hondurenhos, como veremos a seguir será feito pelo discurso salvadorenho, nem mesmo para todo civil membro de patrulhas de vigilância. Ao contrário, devemos sinalizar que a propagação do discurso, as expulsões e a participação de agentes de estado caracterizam as principais responsabilidades como governamentais, como mostraria o relatório da subcomissão da OEA, ao afirmar que, em ambos os lados, os prejuízos materiais e imateriais das vítimas deveriam ser indenizados, uma vez que: “tales perjuicios derivaron de acciones u omisiones de las autoridades”.<sup>123</sup>

## **2.2. El Salvador – Mobilização a partir da comoção, indignação e ação.**

O General Fidel Sanchez Hernández chega ao poder em 1967 pelo Partido de Conciliación Nacional (PCN), com a simpatia da burguesia média e do setor liberal do exército, com promessas de realizar reformas necessárias para promover o desenvolvimento da pequena e média empresa<sup>124</sup>. Por outro lado, a tradicional oligarquia formada pelos grandes latifundiários, que juntamente com o núcleo duro do exército e da Guarda Nacional, se opunham a qualquer reforma. Esse grupo deixaria bem clara sua posição com frequentes ameaças de golpe de Estado. Podemos ver o resultado dessa pressão na emblemática demissão do Ministro da Economia, e pilar das ideias reformistas do novo governo, Gíber Valdivieso.<sup>125</sup>

Certamente o peso de cada lado da elite dominante salvadorenha influenciou na decisão pelo ataque militar de 14 de julho. Se o setor industrial tinha todo o interesse em uma solução pacífica para o conflito, exatamente para manter as relações comerciais centro-americanas tal qual estavam naquele momento, da qual eles eram os maiores beneficiados, fica evidente que o outro setor, o da oligarquia tradicional, queria evitar o

---

<sup>123</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.74.

<sup>124</sup> GERSTEIN Op. Cit. P. 556.

<sup>125</sup> BOLOGNA Op. Cit. P.37.



regresso dos milhares de camponeses emigrados, temendo a pressão social que causaria na já conflituosa sociedade salvadorenha.

La existencia de estos dos sectores, com intereses claramente definidos, es fundamental para entender el porqué de la toma de una decisión favorable a la acción armada contra Honduras. En definitiva, el interés agrario, tradicional, de los grandes terratenientes, se impuso sobre el interés “industrialista”, modernizante, dependiente del mercado centro-americano.<sup>126</sup>

Se, por um lado, Hernández precisou lidar politicamente com grupos de apoio e oposição dentro dos setores chaves da elite salvadorenha, por outro, herdaria um país com extenso histórico de lutas populares e tradicionalmente polarizado:

A lo largo del siglo XX, si algo ha sido común en la historia política salvadoreña es la polarización. La división entre dos bloques políticos, por un lado comunistas, revolucionarios o simplemente democratizadores y por el otro militares, oligarquía o conservadores.<sup>127</sup>

Ainda em 1967, Hernández teria de lidar com as insatisfações dos cerca de 100 mil desempregados pela crise algodoeira, aumento do custo de vida, necessidade de reforma agrária, entre outras demandas. Insatisfação popular demonstrada no expressivo crescimento do Partido Democrata Cristão (PDC), nas eleições municipais de 1968<sup>128</sup>, e se mostraria mais ativamente nas inúmeras greves gerais chamadas por diversos sindicatos em 1968 e 1969<sup>129</sup>, período chamado pela esquerda de “greves combativas”. Assim como na cidade, a mobilização popular estaria presente também campo onde se criam as ligas agrárias apoiadas pelos partidos de oposição, especialmente o Partido Comunista de El Salvador (PCS). Como esse tipo de mobilização era parte política salvadorenha, o sistema contava com aparato repressivo preparado para conter essas tensões sociais, porém, o já relativamente frágil controle social sofreria grande abalo caso se consumasse a expulsão de centenas de milhares de salvadorenhos por parte do governo de Honduras.<sup>130</sup>

<sup>126</sup> GERSTEIN Op. Cit. P. 557.

<sup>127</sup> ARGUETA, H. R. Op. Cit. P. 182.

<sup>128</sup> ALEIXO 1977b Op. Cit. P. 19.

<sup>129</sup> Somente entre janeiro e junho de 1969 ocorreram greves do setor têxtil, dos trabalhadores das universidades, da construção civil, dos motoristas de ônibus e dos trabalhadores do rádio. Cf. RAPAPORT. Op. Cit. P.120.

<sup>130</sup> CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 14. Cita que foi o temor de uma revolução comunista em El Salvador que impulsionou o governo a decidir pelo ataque militar. Muito em função das lembranças de 1932, quando uma revolta com inspirações comunistas foi reprimida. Ver nota 38.

O sinal de alerta é dado quando milhares de salvadorenos começam a cruzar a fronteira no sentido inverso ao qual haviam cruzado tantos anos antes, portando, na maioria dos casos, ainda menos bens que possuíam quando da primeira viagem.

O infortúnio dos compatriotas deportados seria amplamente explorado pela imprensa, o que originaria uma comoção nacional, mobilizando a população a colaborar com doações de toda a sorte. Por exemplo, no dia 26 de junho, o periódico *El Mundo* trazia fotos de uma mãe com filho de colo em um posto da Cruz Vermelha, com a legenda: “Esta madre salvadoreña amamenta a su hijo, mientras espera en Santa Tecla ayuda de sus compatriotas”. Também a terna figura de um policial dando leite às crianças: “entre los expulsados hay centenares de niños, de los que vemos en esta gráfica cuando un agente de la policía ofrece leche para uno de ellos. Esta es la hora de lenerosidad y el humanitarismo, todos debemos auxiliar a nuestros compatriotas”.<sup>131</sup>

Em função da incapacidade do Estado em atender a grande demanda de assistência emergencial que se estabeleceu, fruto do modo de pensar a infraestrutura para as camadas mais pobres da população, a ação de voluntários, mais do que um complemento seria a base dos atendimentos.<sup>132</sup> Assim, entidades com fins humanitários como a Cruz Vermelha, bem como algumas associações civis ficariam incumbidas da assistência necessária e centralizariam o recebimento das doações.

O caráter humanitário dessas primeiras ações seria o pilar que, pouco depois, sustentaria a mobilização de unidade nacional:

Originalmente la movilización salvadoreña tuvo un carácter humanitario de solidaridad hacia los compatriotas víctimas de múltiples abusos en Honduras y que, en la medida en que los relatos de violencia de los refugiados eran divulgados por los medios de comunicación nacionales acompañados de un discurso que demandaba responder enérgicamente al Gobierno de Honduras, la movilización patriótica, canalizada y controlada institucionalmente, sustentó la unidad nacional y la formación de una retaguardia, concebida como espacio de construcción identitaria, cultural y política, en función de una política de fuerza para la resolución de la crisis.<sup>133</sup>

<sup>131</sup> El Mundo “Ayudemos a expulsados de Honduras”, 26/06/1969, p.30 apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 152. Foto 6.

<sup>132</sup> As primeiras famílias de deportados de Honduras que chegaram a El Salvador – antes do segundo jogo entre as seleções, quando não se imaginava a magnitude que as expulsões alcançariam – foram cordialmente recepcionadas pelos agentes públicos, porém, sem muito alarde, foram devidamente dispersadas pelo país, para locais onde, na maioria dos casos, não encontravam emprego nem infraestrutura de apoio. A estratégia de não chamar a atenção da opinião pública cai por terra quando as famílias chegam aos milhares após o dia 20 de junho. Cf. ALEIXO 1977b. Op. Cit. P. 20.

<sup>133</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.145.

A partir do dia 26 de junho a Cruz Vermelha organiza as brigadas de emergência demandando auxílio a todos os setores da sociedade. Um exemplo muito claro da integração de setores oposicionistas a união por meio da cruzada de auxílio foi a Asociación Nacional de Educadores Salvadoreños (ANDES), que em 28 de junho emite comunicado a seus departamentos pedindo a organização de brigadas de auxílio, além da coleta de dinheiro, alimentos e roupas para os salvadoreños expulsos de Honduras. Cabe lembrar que a relação do ANDES e do governo de Fidel Sanchez Hernandez estava muito longe de ser cordial. Em 1968, a categoria foi violentamente reprimida na ocasião da greve dos docentes. Isso mostra que o esforço nacional em prol dos repatriados fez conflitos sérios serem deixados de lado, ao menos enquanto durasse e fosse necessário.

Atividades culturais em espaços dos mais diversos faziam parte do esforço (patriótico) nacional de auxílio, assim, a partir dos comitês de emergência, se realizavam atividades nas comunidades, em espaços de convivência como igrejas, escolas e mesmo praças. Essas atividades, com objetivo de coleta de donativos, estavam eivadas de forte simbolismo patriótico, pois nelas se reafirmava o discurso nacional a partir do exercício colaborativo em atividades recreativas, venda de alimentos, etc., mas também a partir de manifestações artísticas, como compartilhamento de músicas patrióticas irradiadas a exaustão nas emissoras nacionais, que faziam inflar o ego nacionalista, sempre caracterizando o “nós” e o “outro”. Um exemplo bastante popular dessa cultura que se estava consumindo é o satírico, e absolutamente herético, “Credo de la selección”, do humorista radiofônico Albertico Hernández, que remontava aos jogos das eliminatórias e iria escalando a seleção nacional em ritmo de prece, com tiradas anti-hondurenhas:

(...) Creo en el Ruso y Cabezas  
que no andarán con pereza  
y jugarán con más ganas  
y los pobres hondureños  
se moverán en la cancha  
como putas en la cama  
.. .San Blas de la piedra poma  
perdónanos tanta broma ...

Creo en Rivas y en Mariona  
que han de parar a Cardona  
y no quedarán a gusto  
hasta meterle la mona.  
.. .San Blas de Piedra Poma

perdónanos tanta broma ...

Y creo en la selección  
 porque a todo aquél cabrón  
 que diga que es hondureño  
 le pondremos de castigo  
 atravesarle el chiquito  
 con leño salvadoreño.  
 ...San Blas de la Piedra poma  
 perdónanos tanta broma...<sup>134</sup>

Ao sentimento nacional de comoção para com os deportados se agregaria o de indignação pela deplorável situação dos mesmos e a esse, a necessidade de encontrar um culpado pela situação. Dia após dia, inúmeros depoimentos colhidos junto aos deportados salvadorenos estampariam as manchetes dos jornais relatando violentas expulsões, em muitos casos com participação de agentes de estado de Honduras, mas em todos com a conivência do mesmo. Rapidamente se canalizaria a indignação popular contra López Arellano e suas ações de governo. O discurso sobre a dignidade da nação ofendida legitimaria o ataque militar.

A acusação formal que justificaria o rompimento diplomático no dia 25 de junho seria de genocídio contra os salvadorenos em solo hondurenho. Embora não fosse exatamente uma novidade na política hondurenha de controle migratório<sup>135</sup>, o crime de genocídio não chegou a ser caracterizado pelos órgãos internacionais. Hoje, a partir dos estudos sobre o conflito, como vimos no capítulo sobre Honduras, sabemos que crimes contra salvadorenos de fato ocorreram em Honduras, especialmente com o acirramento da propaganda anti-salvadorenha após o segundo jogo das eliminatórias, no dia 15 de junho. Não obstante boa parte das histórias seja verdadeira, fica evidente que a imprensa salvadorenha carregou nas tintas ao falar sobre os acontecimentos, exatamente pela linha editorial que praticou. O discurso oficial de genocídio, portanto, forma-se a partir da divulgação das histórias individuais contadas na imprensa acerca das turbas de agressores que atacaram os salvadorenos.

---

<sup>134</sup> Transcrição de trecho em ESCOTO Op. Cit. P.32. O áudio do “Credo de la selección”, bem como de outros exemplos musicais e áudios dos pronunciamentos de Sanchez Hernández e do General Medrano, disponível em: <<http://www.elsalvadorhistorico.org/articulos/eventos-historicos/38-la-guerra-de-las-cien-horas.html>> acessado em 03/06/2016.

<sup>135</sup> Conforme NUNFIO Op. Cit. P. 669-70: “Se viola la tierra salvadoreña cada vez que hay conflictos internos en Honduras a propósito del problema fronterizo. Entonces se asesinan o fusilan personas innominadas, por indocumentadas, o por ser salvadoreños, y a través de los años estos hechos han ido quedando impunes”. Seja pelo vazio de poder no interior ou mesmo por interesse do governo.

As notícias das ações violentas por parte de civis hondurenhos com participação/convivência do governo, teriam efeito generalizante em El Salvador, estendendo a responsabilidade da barbárie não apenas a uma minoria violenta a serviço de um governo tirano, mas a todo hondurenho, dando margem para a construção da imagem do hondurenho como um potencial integrante da Mancha Brava, um ser primitivo e propenso à barbárie. Além de trazer à tona velhos estereótipos presentes na memória coletiva salvadorenha, normalmente versando acerca da inata preguiça ou pouca afeição dos vizinhos pelo trabalho, que os teria levado a aproveitarem-se do trabalho do laborioso imigrante salvadorenho.

Assim, o contraponto ao discurso hondurenho, de que os salvadorenhos teriam usurpado recursos naturais, pertencentes aos hondurenhos por direito, era redarguido no discurso salvadorenho pelo fato de terem sido os salvadorenhos os “desbravadores” responsáveis por conduzir o progresso para Honduras: “fueron ciertamente las manos del campesino salvadoreño las que labraron las tierras con denuedo para enseñar a los ‘hermanos catrachos’ el tesón con que el hombre del campo cuscatleco trabaja”<sup>136</sup>. Ou seja, as terras antes virgens: “por la holgazanería del ‘campesino’ hondureño que si trabaja una hora se echa a dormir el resto del día sin importarle el crecimiento de los sembradíos”<sup>137</sup>, foram trabalhadas pelos laboriosos salvadorenhos, e agora, o fruto do trabalho seria tomado destes por inveja e despeito dos “catrachos”.

A construção do inimigo, do “outro”, portanto, implicaria na reafirmação da autoimagem do salvadorenho, reforçando os laços identitários nacionais e lembrando a todos as razões da “Cruzada da Dignidade”:

La difusión, a través de los medios de comunicación de masas, de los testimonios de los refugiados salvadoreños tuvo un importante efecto movilizador en la medida en que alimentó el discurso identitario del gobierno a partir de la construcción simbólica de un “otro”, convertido en enemigo violento capaz de ejecutar los peores actos de crueldad contra inocentes compatriotas indefensos. La cultura de guerra salvadoreña se nutrió fuertemente de la demonización del enemigo.<sup>138</sup>

Se a comoção e a indignação já haviam instado todos a colaborar com os compatriotas em deplorável situação; reforçado laços identitários esquecidos e trazido

<sup>136</sup> Diario Latino, 26/6/1969. “Patético relato del éxodo salvadorenho”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 173.

<sup>137</sup> Diario Latino, 2/7/1969. Rubén Gálvez Ayala, “Sigue relato de los expulsados”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P 175.

<sup>138</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P 170.

trégua aos conflitos internos, especialmente entre movimentos sociais e governo, ainda restava a discordância interna ao redor do item “ação”, na pauta nacional. No dia 26 de junho, quando rompe relações diplomáticas com Honduras, o apoio político abrangia boa parte da sociedade – entenda-se: essa maioria dava carta branca para Hernández agir. Órgãos representativos ligados à Universidade, aos estudantes, e trabalhadores, formavam a partir do PCS a Frente de Unidade Popular, que mantinha uma postura crítica, colaborando na cruzada de auxílio aos compatriotas e igualmente indignados com a violência em Honduras, mas por outro lado, cobrando internamente reformas profundas no governo e especialmente uma saída diplomática que não envolvesse o conflito militar como ação para resolver a situação. Veremos no próximo item como a Frente de Unidade Popular tão rápido como se forma, se dissolve e se agrega à Frente de Unidade Nacional ao redor da ação bélica.

### **2.2.1. “A las filas” – Movimentos sociais e a Frente de Unidade Nacional.**

Durante o breve período entre o começo do agravamento da crise entre os governos – que se dá com a intensificação das expulsões após o segundo jogo das seleções, no dia 15 de junho – e o dia 3 de julho, quando os principais movimentos o abandonam, vemos algumas vozes discordantes formarem a Frente de Unidade Popular para contrapor à Frente de Unidade Nacional, destoando do discurso oficial.

Duas organizações sindicais, dentro do campo de influência do PCS, a Federación Unitaria Sindical de El Salvador (FUSS), y la Federación de Sindicatos de Trabajadores de la Industria del Alimento, el Vestido, Textil, Similares y Conexos de El Salvador (FESTIAVTSCES), emitem pronunciamento, onde criticam o governo de Honduras e propõem a união dos trabalhadores salvadorenhos e hondurenhos. Proporiam a formação de uma Frente de Unidade Popular para resolver os problemas dos trabalhadores.

La ineludible necesidad de activar por la Unidad de todas las fuerzas democráticas y progresistas de la nación, llamando a todos los partidos políticos, organizaciones sindicales, magisteriales, estudiantiles, et., para formar sin ninguna discriminación un amplio Frente de Unidad Popular, para resolver tanto los problemas inmediatos y mediatos de los salvadoreños

extrañados de suelo hondureño como de los trabajadores y pueblo salvadoreño en general.<sup>139</sup>

Em manifestação publicada em campo pago em jornal, a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de El Salvador, em 27 de junho, defende uma solução negociada, pacifista, por ser a guerra uma saída que não beneficia nenhum dos povos. Adota parte do discurso oficial, reconhecendo os crimes de genocídio com a participação das autoridades hondurenhas, no entanto, chamava “todas as forças democráticas do país” para:

Formar un frente de unidad nacional con el fin de coordinar todas las actividades orientadas a una solución negociada y justa de la disputa con Honduras. Al mismo tiempo se excitaba a “las fuerzas democráticas” de ambos países a iniciar una campaña de esclarecimiento de las verdaderas causas del conflicto.<sup>140</sup>

A manifestação mais radical veio do ex-reitor da UES, Fabio Castillo Figueroa, em carta aberta dirigida a ambos os povos, ainda em 16 de junho, intitulada “un llamamiento al despertar de los pueblos oprimidos”, o doutor mostrava a sua preocupação ao ver como os dois governos “docilmente” conduziam: “a ambos pueblos a odiarse inútil y ciegamente, sin saber por qué deben aborrecerse, ni cuáles son las ventajas que sus malos gobernantes obtienen para sí mismos y para las oligarquías que sirven”. Pedia consciência quanto à divisão procedida pelos governos a partir de um “falso e estúpido nacionalismo”. Os povos haviam sido vítimas de seu governo e de alguns veículos de comunicação querendo distraí-los dos verdadeiros problemas. Sendo que os verdadeiros objetivos eram os almejados pelas minorias privilegiadas. E termina qualificando como: “absurdo e imposible que las dos víctimas luchen entre sí y se aborrezcan en vez de luchar contra sus verdaderos enemigos”.<sup>141</sup>

É interessante como essas manifestações dão a impressão de coesão, no entanto, em pouco tempo o bloco crítico cede ao nacionalismo, ao discurso oficial e à Frente de Unidade Nacional, e apoiam, na sua maior parte, o ataque a Honduras. Segundo Argueta (2011), estes grupos colocam os “interesses da pátria” ante a agressão hondurenha a

<sup>139</sup> Diario Latino 4/7/1969, p. 18: “Pronunciamiento de la FUSS y la FESTAVTSCES ante el problema entre Honduras y El Salvador”. Apud PEREZ PINEDA 2012, Op. Cit. P.191.

<sup>140</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.189.

<sup>141</sup> Publicado no jornal do Partido Liberal hondurenho El Pueblo 26/06/1969, P.1 “Severo análisis de una crisis hace Dr. Fabio Castillo ex –rector de Universidad de El Salvador”. Apud PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.189.

frente das suas históricas lutas por mudanças sociais, colocando suas esperanças de vitória nas Forças Armadas:

Algo inédito en la historia política de El Salvador, pues la fuerza armada y los cuerpos de seguridad existentes durante el siglo XX no gozaron de la legitimidad requerida ante los ojos de toda la sociedad salvadoreña. Una buena parte de la población, especialmente de tendencia política de izquierda percibía al hombre de uniforme como un fiel servidor de la oligarquía cafetalera.<sup>142</sup>

Ou seja, o objetivo imediato justificava a paralisação da luta de classes por parte dos partidos políticos, da Universidade de El Salvador, sindicatos, grêmios estudantis e outros movimentos sociais. Nesse sentido, influenciou decisivamente a posição do Partido Comunista de El Salvador (PCS), que exercia influência em grande parte dos movimentos sociais. Após reunião de sua comissão política no dia 3 de julho:

En esa reunión se habló de evitar huelgas y de paralizar la lucha de clases hasta donde fuera posible, “por lo menos en el período de arranque y consolidación de la Unidad Nacional”. La línea patriótica adoptada por el PCS ante el conflicto con Honduras fue comunicada a sus cuadros en las organizaciones gremiales y sindicales en las que los comunistas ejercían influencia política.<sup>143</sup>

Um dia após, a FUSS e a FESTIAVTSCES, divulgam comunicado dando apoio ao governo, fazem um chamamento aos trabalhadores e ao povo para: “responder en forma unida, consciente y responsable a nuestro deber para defender nuestra soberanía y nuestra integridad territorial actualmente violada por el irresponsable y criminal gobierno de la República de Honduras”. Chamando, também os trabalhadores para constituir comitês de defesa para arrecadar donativos, passando a fazer parte da Frente de Unidade Nacional: “a pesar de las diferencias ideológicas y de los intereses que representamos que son distintos y hasta contrapuestos con diferentes sectores el país”.<sup>144</sup>

Além da posição do PCS, a reunião na casa presidencial, no dia 3 de julho, para qual foram convocados os setores populares, pequenos comerciantes e industriais, além de representantes da Universidade de El Salvador e da AGEUS, influiria na decisão de setores sociais em aderir à Frente de Unidade Nacional. A Asociación General de Estudiantes Salvadoreños (AGEUS), principal representação estudantil de El Salvador,

<sup>142</sup> ARGUETA, H. R. Op. Cit. P. 177.

<sup>143</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.196-7.

<sup>144</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P.196



e parte essencial da Frente de Unidade Popular, além de ser uma das organizações mais críticas aos governos militares, convoca assembleia geral de emergência para seus membros e, ainda no dia 3, delibera por apoiar as ações de Hernández, reconhecendo o caráter de legítima defesa e de manutenção da soberania da pátria que o ataque simbolizava. Além disso, iria mais longe, chamando os estudantes para o alistamento militar e propondo aos demais membros da Frente de Unidade Popular, controlada pelos comunistas, a anexação à Frente de Unidade Nacional.<sup>145</sup> Os demais movimentos aderem à Frente de Unidade Nacional<sup>146</sup>, embora a UES mantivesse um tom crítico, achando ainda possível negociar uma solução pacífica para o problema. Por isso, seria enviado o reitor a Washington – junto com representantes de todos os partidos políticos – na qualidade de embaixador perante a OEA.<sup>147</sup>

Provavelmente em função das ligações do presidente Hernández com setores “liberais” do exército, o PCS até o dia 2 de julho, acreditava que este estava trabalhando com soluções diplomáticas, se opondo ao General Medrano e aos setores “duros” do Exército e Guarda Nacional que pressionavam pelo ataque imediato. No entanto, seria um erro grosseiro de análise, uma vez que medidas de preparação para o conflito, como a militarização dos médicos, as vendas dos “bonos de la dignidad nacional” para financiar a campanha militar, a evacuação de fronteiras, entre outras, já estavam sendo tomadas. Esse exemplo serve para mostrar como o PCS não soube interpretar a conjuntura e os interesses que estavam em jogo naquele momento.

As razões da "vacilação" na hora de tomar a decisão se deve, na sua maior parte a pressão nacional da opinião pública, que teria tornado muito dura a posição contrária à solução armada: “no le quedó otra opción; en tanto había una exacerbación nacionalista entre la población salvadoreña y cualquier posición disonante sería vista como traición a la patria”<sup>148</sup>. O próprio PCS faria a autoanálise, em 1975:

Durante el conflicto con Honduras en 1969, la Comisión Política del Comité Central incurrió en graves errores de derecha, bajo la forma de concesiones al nacionalismo reaccionario burgués (...) una vez iniciada la invasión sobre

<sup>145</sup> ARGUETA, H. R. Op. Cit. P. 183.

<sup>146</sup> Por exemplo: Juventud Obrera de El Salvador (JOS); Fraternidad de Mujeres Salvadoreñas; os Sindicatos de Seguro Social e de Trabajadores Universitários; a Unión Democrático Nacionalista (UDN) e do Partido Revolucionário. Cf. RAPAPORT Op. Cit. P. 121.

<sup>147</sup> NUNFIO Op. Cit. P.677.

<sup>148</sup> Este argumento foi dito por Roberto Cañas (ex dirigente do FMLN - Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional) no Colóquio “Cómo se recuerda la guerra de 1969”, realizado no Instituto de Estudios Históricos, Antropológicos e Arqueológicos da Universidade de El Salvador, em julho de 2009. Cf ARGUETA, H. R. Op. Cit. P. 184.

Honduras, cesó nuestro partido de condenar aquella guerra, dejando a las masas a merced de la propaganda patrioter del gobierno y de las clases dominantes.<sup>149</sup>

Antes, porém, o PCS já havia sofrido duras críticas, sendo sua posição no conflito o estopim para o racha no partido que reorganizaria a esquerda salvadorenha, gerando o Fuerzas Populares de Liberación “Farabundo Martí” (FPL), em 1970. O principal crítico seria Salvador Cayetano Carpio, o “Saul”, na ocasião, secretário geral do PCS. Em carta aberta de 12 de julho, ainda antes dos ataques, condenava a vacilação diante da pressão patriótica exercida pela mídia a serviço da oligarquia, considerando:

Una desviación del internacionalismo proletariado y de la consecuencia lucha contra los enemigos comunes en un momento así, puede llegar a convertirse en un gran crimen contra la clase obrera y el pueblo de ambos países (...) puede ser que grandes masas, engañadas por la propaganda patrioter y chovinista no entiendan al principio nuestra posición patriótica, internacionalista y revolucionaria, y que vengan días duros para nosotros. (...) Por otro lado comprendo las dificultades que ahora se presentan, pero sería absurdo pensar que tales dificultades se van a “capear” con una política de vacilaciones y de sumarse al coro de la histeria bélica y patrioter.<sup>150</sup>

Em setembro de 1969, Saul lança um extenso documento no qual elenca os acertos e os erros do PCS na condução da crise. Cita que, em um primeiro momento a atuação foi correta, alertando a população no campo e na cidade dos perigos da adesão ao discurso patriótico apresentado pelos governos:

Denunció los planes de ambos gobiernos y camarillas militares, denunció a los provocadores, previno al pueblo contra el peligro de dejarnos arrastrar por la campaña chovinista, de odio y belicismo; llamó a ambos pueblos a unir sus fuerzas en la lucha contra sus enemigos comunes. He aquí muestras de las expresiones de la aplicación de una línea clara, correcta, comprensible y orientadora.<sup>151</sup>

Porém, na última semana de junho: “a medida en que fue ascendiendo la campaña de prensa y radio, al incendiarla del odio y venganza nacionalista, en respuesta

<sup>149</sup> PARTIDO COMUNISTA DE EL SALVADOR. “**PCS: 45 años de sacrificada lucha revolucionaria 1930-1975**”, Comité Central del PCS, 28 de marzo de 1975. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/tematica/elsalvador/organizaciones/pcs/1975/mar/28.htm> Acessado em 06/06/2016.

<sup>150</sup> PINEDA, Roberto. “**Las preocupaciones de Saúl por la posición del PCS en el conflicto Honduras-El Salvador 1969**”. Disponível em <<http://www.alainet.org/es/articulo/175679>> acessado em 03/06/2016.

<sup>151</sup> PINEDA, Roberto. “**Sobre el surgimiento de las Fuerzas Populares de Liberación “Farabundo Martí”**”, disponível em <<http://www.alainet.org/es/articulo/175678>>, acessado em 09/06/2016.

a los atropellos y crímenes que se cometían en Honduras”<sup>152</sup>, o partido cede à pressão e ao clima de autocensura, que desaconselhava qualquer crítica mais dura que pudesse desestimular a unidade nacional e, em tese, “favorecer o inimigo”. Dado o estado de emergência instalado, manifestações populares contrárias, caso existissem, seriam imediatamente reprimidas.<sup>153</sup>

Desse modo, podemos concluir que sim, as vozes dissidentes da Frente de Unidade Nacional, e especialmente da invasão a Honduras existiram, mas foram arrastadas e se afogaram no mar de vozes animadas pelo nacionalismo e pela cultura de guerra.

---

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> Durante os momentos mais críticos do conflito o governo encaminhou circular para governadores departamentais e alcaldes municipais de toda a república pedindo a manutenção da ordem, e segurança nacional (interna) estando em estado de emergência. Isso incluía a supressão e total intolerância de manifestações independentes. O “perigo comunista” era um tema bastante abordado nos comunicados. Cf. PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 190-193.

## CONCLUSÃO:

Como vimos no decorrer deste trabalho, além dos aspectos socioeconômicos e políticos precedentes, que, de um modo geral, conversavam com as próprias estruturas dos países, o conflito teria como causalidade direta o choque de interesses entre as oligarquias nacionais no que tange à questão migratória, o que criaria a instabilidade geradora do conflito. A utilização do artigo 68 da velha reforma agrária de 1962, que colocava os camponeses salvadorenhos na ilegalidade, seria o caminho trilhado pelas autoridades hondurenhas para a pacificação da pressão camponesa por terras – o que atenderia também aos interesses das companhias bananeiras estadunidenses que teriam as terras desocupadas e poderiam despedir os salvadorenhos, dando continuidade ao processo de mecanização – e abertura de novas áreas para os latifundiários expandirem a criação de gado. A medida teria reação em El Salvador a partir do momento em que a oligarquia percebe que o seu *modus operandi* e seus privilégios estariam em risco caso retornassem ao país as centenas de milhares de salvadorenhos, sem terra nem trabalho.

A maior parte dos imigrantes salvadorenhos estava integrada, em maior ou menor grau, à sociedade hondurenha, haja vista o histórico das migrações que a fluída fronteira ajudava a fomentar, incluindo o incentivo para tanto quando da instalação das companhias bananeiras, na costa norte de Honduras, no final do século XIX. Essa relação se mostraria pela não distinção acerca da nacionalidade quando das grandes greves nas terras das companhias bananeiras de 1954, por exemplo. Nesse momento a união acontece entre camponeses como classe, na luta contra os latifundiários e as companhias estadunidenses, por acesso a terra ou melhores condições de trabalho. A desvirtuação dos propósitos da luta, produzidos em função dos interesses da FENAGH, que por sua vez também ajudava as companhias estadunidenses, se valeu da reforma agrária excludente e da utilização do nacionalismo para alterar o entendimento do âmago do problema de acesso a terra: “La existencia de campesinos salvadoreños en Honduras les ha servido a los terratenientes para presentar como un conflicto de tipo nacional, lo que en realidad es un conflicto entre dos clases sociales”.<sup>154</sup>

Se a expulsão dos camponeses sem documentos se justificava juridicamente, a irregularidade desses se devia essencialmente à incompetência dos dois governos para pôr em funcionamento os tratados migratórios. Em especial, à falta de um controle

---

<sup>154</sup> CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 295.

eficiente do governo hondurenho e mesmo aos empecilhos e as negativas quando os imigrantes tentavam regularizar sua situação; e à emigração sistemática como política de estado por parte do governo de El Salvador que via na nesse artifício uma válvula de escape para atenuar as tensões sociais internas. Esses foram os verdadeiros motivos pelos quais a situação dos salvadorenhos em Honduras chegou ao ponto que estava em 1969.

Da mesma maneira como se desviou a atenção dos problemas hondurenhos, tornando um conflito de classes um problema entre nacionalidades, em El Salvador a guerra conseguiria: “desviar las energias revolucionarias del pueblo salvadoreño hacia un nacionalismo antihondureño”.<sup>155</sup> Os altos níveis de desigualdade em uma sociedade, combinada com a falta de medidas redistributivas tendem a, naturalmente, criar instabilidade política. A utilização do nacionalismo pelos governos para desestimular essas demandas é uma prática bastante comum como medidas diversionistas.

Segundo Pérez Pineda (2012), o nacionalismo pode também ser produto de circunstâncias estranhas ao controle do estado, no caso, assim como El Salvador não tinha controle sobre as medidas anti-salvadorenhas em Honduras, é possível que o governo hondurenho tenha perdido o pleno controle sobre expressões mais agressivas de nacionalismo anti-salvadorenho em determinado momento.<sup>156</sup> Embora tenham sido incitados pelas medidas governamentais excludentes e pela deformação da imagem do salvadorenho nos meios de comunicação, a radicalização da violência e a saída de milhares de salvadorenhos em um curto espaço de tempo, alegando expulsões violentas, fugiam da normalidade que medidas legais de deportação deveriam aparentar. Abrindo assim, espaço para reclamações de El Salvador à organismos internacionais. Em especial, por que a explosão nacionalista em El Salvador, a mobilização nacional por assim dizer, ocorreria como resposta à comoção e indignação, devidamente estimulados pela imprensa, pela chegada dos milhares de deportados em junho, após a segunda partida entre as seleções, momento em que o nacionalismo latente potencializa e distorce os acontecimentos ocorridos nos dias dos jogos. Fatos que envolveriam o futebol como ator coadjuvante no rol de causas do conflito, em função do adversário, muito mais como um meio canalizador do nacionalismo latente estimulado pelo chauvinismo norteador das notícias nos dois países naquele momento.

---

<sup>155</sup> CARÍAS & SLUTSKY Op. Cit. P. 104.

<sup>156</sup> PÉREZ PINEDA 2012 Op. Cit. P. 141.

Embora um eventual rompimento comercial com El Salvador pudesse ser, em certo modo, até mesmo desejado, em função da balança desfavorável, consequências mais graves como as suscitadas posteriormente não pareciam parte dos planos do governo hondurenho, haja vista os assentimentos às tentativas de acordos diplomáticos pré conflito armado. Independente da intencionalidade inicial, o fato é que a sucessão de ações e reações governamentais após o início da crise diplomática, especialmente com a utilização dos veículos de comunicação, criando um nacionalismo dirigido contra o país vizinho, seria um caminho “sem volta”, especialmente em função do prestígio militar, aspecto essencial em estados cuja autoridade e mesmo a legitimidade, em grande medida, se baseava na força: “Ambos países se enfrascaron en una serie de actos que comprometieron su prestigio, y no podían volverse atrás so pena de perderlo a los ojos de sus pueblos”.<sup>157</sup>

Em ambos os países, como vimos, as Frentes de Unidade Nacional se formariam ao redor das forças armadas, influenciadas pela propaganda nacionalista, especialmente após a agudização da violência. Mesmo os setores oposicionistas, desde partidos políticos a movimentos sociais, organizações representativas de todas os setores, se agregariam pouco antes do conflito à solução militar. As poucas vozes que se colocavam criticamente diante da ação bélica acabariam arrastadas pelo mar de vozes da opinião pública que clamavam por uma solução militar e urgente, especialmente no lado do invasor El Salvador, uma vez que em Honduras, a iminência da invasão, aliada a vulnerabilidade evidente da infantaria, tornou a mobilização civil de defesa responsável direta pela segurança das cidades, bairros e aldeias, adiando qualquer análise crítica.

Segundo Nunfio (1970), a unidade nacional sentada sobre bases emotivas é como um copo de cristal, pois: “Bien pronto se resquebreja quando se ponen em juego intereses de classe”.<sup>158</sup> Em El Salvador, a efêmera unidade seria rompida pelo Partido Democrata Cristiano (PDC) pouco depois do fim do conflito, em outubro, trazendo de volta a realidade política salvadorenha polarizada e conflituosa, assim como as demandas sociais “esquecidas” durante a guerra. A acentuação da repressão às lutas populares nos anos 70, e o pouco espaço democrático para diálogo, entre outras razões, culminaria com a mudança de estratégia dos movimentos de esquerda, optando pela luta armada, dando início à guerra civil, entre 1980 e 1992.

---

<sup>157</sup> GERSTEIN Op. Cit. P. 565.

<sup>158</sup> NUNFIO Op. Cit. P. 678.

Em Honduras, a experiência de defesa do território reforçaria os elementos simbólicos de identificação frente a um inimigo externo – e interno – e, após o fim do conflito, o impulso nacionalista se redirecionaria para a necessidade de união em torno de reformas visando o desenvolvimento e integração do país. Essa visão mais abrangente das mazelas do país seria realçada pela desvantagem exposta na medição de forças com o vizinho El Salvador. A relativa união enfraqueceria e não renderia os frutos esperados, em grande medida por que estes não eram interessantes para os grupos dominantes. O pacto político da unidade é definitivamente rompido com o golpe militar, que depõem o sucessor de López Arellano, Ramon Ernesto Cruz, em dezembro de 1972, mesmo este tendo sido eleito com 90% dos votos poucos meses antes. O substituto seria o próprio Arellano, comandante das Forças Armadas, em seu segundo golpe de estado em menos de dez anos. O General passaria a governar sob as prerrogativas das Forças Armadas, ficando a Frente de Unidade Nacional e os belos objetivos de desenvolvimento nacional a partir desta, relegados aos livros de história.<sup>159</sup>

Ao concluir este estudo da guerra das Cem Horas, embora, como dever, precisamos salientar a premência de novas pesquisas para aprofundar o seu entendimento, precisamos também admitir que o nome popular “guerra do futebol” não é o único elemento insólito com que o pesquisador se depara no decorrer da pesquisa: temos o invasor, El Salvador, que denomina a guerra com a alcunha de “guerra da legítima defesa”; temos os dois antagonistas autoproclamando-se vencedores, algo que nem mesmo o futebol admitiria; e temos, acima de tudo, dois povos pobres, de países subdesenvolvidos, lutando por objetivos dos setores dominantes, sob os auspícios do nacionalismo ululante, essencialmente, para mantê-los na mesma situação atroz. Nesse ponto, podemos nos incorporar ao sofisma dos antagonistas e concluirmos que ambos saíram derrotados. E que o futebol me perdoe por essa heresia!

---

<sup>159</sup> BOLOGNA Op. Cit. P 109.

### Posfácio – Memórias de Guerra.

O Polonês Ryszard Kapúscinsky, perspicaz e experiente correspondente de outras coberturas de guerra, já estava em Tegucigalpa quando do ataque do dia 14 de julho. Foi testemunha, portanto, das cem horas da guerra e passou, via Polônia, em primeira mão, a notícia do bombardeio a Honduras através do único telex disponível no país, o qual teve de esperar que o presidente hondurenho Lopez Arellano – que o havia solicitado – desocupasse. Segundo Kapúscinsky: “O presidente trocava mensagens com a embaixada de Honduras em Washington, à qual solicitara que entrasse em contato com o governo dos Estados Unidos, pedindo ajuda militar”.<sup>160</sup> Testemunhou o clima de pânico estampado na profusão ensandecida de pichações nas ruas da capital, que iam desde escarradas patrióticas como: “*Compatriotas! Sem temor, degolar o agressor*” e “*Infâmia a Porfírio Ramos que vive com uma salvadorenha*”, até delação de supostos quintacolunas de El Salvador: “*Quem avistar Raimundo Grandos deve informar a polícia. – trata-se de um espião de El Salvador*”, passando ainda por uma que em meio à guerra lembrava das querelas esportivas: “*Vingaremos o 3 a 0!*”.<sup>161</sup> E, acima de tudo, temia que, em meio ao caos instaurado naquelas cem horas, alguém entre todos aqueles que culpavam os comunistas por todas as suas desgraças, descobrisse que ele era correspondente de um país socialista.

Na cobertura do campo de batalha, Kapúscinsky, já acompanhado de outros correspondentes internacionais, nutria grande curiosidade por aquela “guerra de despossuídos”, que se apresentava à sua frente:

Para complicar ainda mais a situação, os uniformes eram iguais, o armamento idêntico e a língua a mesma. Desse modo, ao se defrontar com uma patrulha, era difícil saber se ela era inimiga ou não.<sup>162</sup>

Após se perder dos colegas, conheceu um soldado hondurenho. Um humilde camponês que teria a missão de levá-lo de volta a Tegucigalpa – missão a qual o jovem soldado de imediato se prontificou a cumprir, uma vez que a condução do estrangeiro autorizado o manteria longe do *front* por muitas horas, quiçá dias. Ao ser perguntado, enquanto caminhavam, os motivos de estar lutando:

Ele respondeu que não sabia, que aquilo era ‘assunto de governo’. Perguntei-lhe como ele poderia lutar sem saber o motivo pelo qual

---

<sup>160</sup> KAPÚSCINSKY Op. Cit. P. 199.

<sup>161</sup> Idem. P.202.

<sup>162</sup> Ibidem.



derramava seu sangue, e ele respondeu que, quando se vive num vilarejo, é melhor não fazer perguntas.<sup>163</sup>

Ao passar por um campo de batalha, recém deixado para trás, logo o soldado se admirou com a quantidade de botas que seriam “desperdiçadas” em pés de soldados mortos. Informou Kapúscinsky que toda a sua família andava descalça. Após um momento de hesitação, o soldado se deteve e pediu ao estrangeiro apenas alguns minutos, pois precisava pensar. Rapidamente elaborou um plano.

Ele iria até lá, tiraria os sapatos de alguns cadáveres, os esconderia entre os arbustos e faria uma marca no local. Quando a guerra terminasse, antes de voltar para casa ele viria para cá e calçaria toda a sua família. Chegou a calcular que poderia trocar um par de botas militares por três pares de sapatos infantis e, em casa, aguardavam-no nove filhos.<sup>164</sup>

Após recolher as botas restava achar um bom lugar para escondê-las, mas tinha também de ser de fácil memorização, afinal, teria de localizá-lo quando a guerra terminasse. Após algum tempo, regressou com um ar de alegria que fascinou Kapúscinsky:

O meu soldado devia estar feliz, eu pensava. O céu se desanuviou e o paraíso caiu sobre sua cabeça. Ele já ganhara a sua guerra: ia voltar ao vilarejo, despejar um saco de sapatos no chão da choupana e ver seus filhos dançar de felicidade.<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> KAPÚSCINSKY Op. Cit. P.217.

<sup>164</sup> Idem. P.215.

<sup>165</sup> Ibidem. P.216

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002.

ALEIXO, José Carlos Brandi. **O Conflito El Salvador - Honduras e a Integração Centro-Americana**. Revista de Ciência Política XX (2): 23-78, abr. jun., 1977.

\_\_\_\_\_. **O Conflito El Salvador - Honduras e a Integração Centro-Americana (Conclusão)**. Revista de Ciência Política XX (3): 17-77, jul. set., 1977.

ARGUETA, D. M. L & CASTRO, Misael. **El estudio de las elites y los grupos de poder em Honduras**. Em: Democracia, élites y movimientos sociales en Honduras: compilación de ensayos. Universidad Nacional Autónoma de Honduras. Instituto Universitario en Democracia, Paz y Seguridad (IUDPAS). Tegucigalpa, Honduras. 2010.

ARGUETA Hernandez, Ricardo. **La memoria de ‘la guerra de las cien horas’. Victoria o legitima defensa?** em Eduardo Rey Tristan y Pilar Cagiao Vila (coords.), Conflicto, memoria y pasados traumáticos: El Salvador contemporáneo, (Santiago de Compostela, Espana: Universidad de Santiago de Compostela,, USC, 2011). (177-188)

BAMBIRRA Vânia: **El Capitalismo Dependiente Latinoamericano. México, Siglo Veintiuno**, 1974.

BOBBIO, N. et al. (Org.). **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 2007

BOLOGNA, Alfredo Bruno. **Conflicto El Salvador-Honduras: Análisis sociológico de las relaciones internacionales**. Buenos Aires. Tierra Nueva, 1977.

CARÍAS, Marco Virgílio e SLUTZKY, Daniel. **La guerra inútil: análisis socioeconómico del conflicto entre Honduras y EL Salvador**. Universidad Centroamericana. Costa Rica, San José, 1971.

CASANOVA, Pablo. G. **América Latina – História de meio século vol 3**. Brasília, Editora UnB, 1990.

DIAS, Gustavo Monteiro. **Política e futebol: a Copa do Mundo de 1978 na Argentina**. 54 f., il. Monografia (Licenciatura em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **Deporte Y Ocio em el processo de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

El Salvador: História mínima, 1811-2011. Autores vários. Editorial Universitaria, San Salvador. Primera edición: Septiembre de 2011.

ESCOTO, Julio. **Lectura postraumática del año de la guerra (1969)**, San Pedro Sula, Honduras: Centro Editorial, 2010.

FRAGA, Gerson Wasem. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**, 2009, 398 p. Tese (História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GALEANO, Eduardo. **Memória Del fuego III – El siglo Del viento**. México, Siglo Veintiuno, 1986.

GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. **Nações em Campo. Copa do Mundo e Identidade Nacional**. Niterói, Intertexto, 2006.

GERSTEIN, J. A. **El conflicto entre Honduras y El Salvador. Análisis de sus causas**. Foro Internacional, V. 11, nº 4, p. 552-68, abr/jun. 1971.

HOBBSAWM, Eric. **O apogeu do nacionalismo: 1918-1950**. In: *Nações e Nacionalismos*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Era do Capital (1848-1875)**. Paz e Terra, RJ, 1977.

JIMÉNEZ, Eddy E. **La guerra no fue de fútbol**. Cuba, Ediciones Casas de Las Américas, 1974.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **A Guerra do Futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LEMUS, Eric, **“A 40 años de ‘la guerra del fútbol’”**, Disponível em [http://www.bbc.com/mundo/america-latina/2009/07/090717\\_guerra\\_futbol\\_jp.sht\\_ml](http://www.bbc.com/mundo/america-latina/2009/07/090717_guerra_futbol_jp.sht_ml). Acessado em 23/05/2016.

MARX, K & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneide e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

NUNFIO, Obdulio. **Radiografía de la guerra del fútbol o de las cien horas**. *Rev. Mex. Sociol.*, v. 32, n. 3, p. 659-90, maio/jun. 1970.

PARTIDO COMUNISTA DE EL SALVADOR. **“PCS: 45 años de sacrificada lucha revolucionaria 1930-1975”**, Comité Central del PCS, 28 de marzo de 1975. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/tematica/elsalvador/organizaciones/pcs/1975/mar/28.htm> Acessado em 06/06/2016.

PÉREZ PINEDA, Carlos. **El conflicto Honduras - El Salvador, Julio de 1969**. San José, Costa Rica, 2014.

\_\_\_\_\_. **Una guerra breve y amarga: retaguardia, cultura de guerra y movilización patriótica en el conflicto Honduras-El Salvador julio de 1969**. Tesis de Maestría Académica, Universidad de Costa Rica. Sistema de Posgrado. Ciudad Universitaria Rodrigo Facio, Costa Rica, 2012.

PINEDA, Roberto “**Las preocupaciones de Saúl por la posición del PCS en el conflicto Honduras - El Salvador 1969**”. Disponível em <<http://www.alainet.org/es/articulo/175679>> acessado em 03/06/2016

\_\_\_\_\_. “**Sobre el surgimiento de las Fuerzas Populares de Liberación “Farabundo Martí”**”. Disponível em <<http://www.alainet.org/es/articulo/175678>>, acessado em 09/06/2016.

RAPAPORT, Sara Gordon: **Crisis Política y Guerra em El Salvador**. México, Editora Siglo Veintiuno, 1989.

PLACAR ESPECIAL: **A saga da Jules Rimet. A História das copas de 1930 a 1970**. Fascículo 2: 1934 Itália. Editora Abril. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_: **A saga da Jules Rimet. A História das copas de 1930 a 1970**. Fascículo 9: 1970 México. Editora Abril. São Paulo, 2006.

RUSH, Rigoberto Padilla. **Memorias de um Comunista**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2001.

SLUTZKY, Daniel y ALONSO, Esther. **Política exterior norteamericana em El Salvador y Centroamerica (1960-70)**. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

SOSA, Eugênio. **Democracia, procesos electorales y movimientos sociales en Honduras: de la transición política al golpe de Estado**. CLACSO, Buenos Aires, 2015. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20150804034807/INFORME-FINAL-DEMOCRACIA.pdf>>. Acessado em 20/05/2016.

WILLIAMS, Carlos Rivera. **Cuarenta años después: el papel del Colegio Médico em la guerra de 1969 entre Honduras y El Salvador**. Revista Medicina Hondureña jul/sept. 2009. P. 128-144.